

A woman with blonde hair, wearing a dark, strapless, floor-length gown with a sparkling bodice and a long, flowing skirt, stands in front of an ornate wrought-iron gate. She is looking back over her shoulder towards the camera. The gate is set within a stone wall, and the scene is illuminated by warm, golden light, possibly from a street lamp or a fire, creating a dramatic and elegant atmosphere. The background is dark, suggesting a night scene.

*A Princess
& A
Highlander*

Joice Mascena



I

Lis

Escócia, idade média

Os olhos de Lis brilhavam com a linda paisagem a sua frente.

Depois de quase dois dias de uma intensa chuva e um tempo fechado, o sol resolveu felicitá-los com seu calor. Ela abriu a pequena janela da carruagem que viajava deparando-se com a singular paisagem escocesa na primavera, era uma natureza selvagem ainda que muito delicada, a geografia de lá era formada por muitas planícies e montanhas forradas por grama e pequenas flores, que com o andar na comitiva que a acompanhava, liberavam um aroma delicioso. Sua estadia na Escócia seria uma experiência interessante, ela tinha certeza, contrastando com tudo que já vivera até o momento no seu país natal, a Inglaterra.

Nunca tinha feito uma viagem tão longa em sua vida quanto aquela e apesar da carruagem real ser considerada confortável, suas costas doíam tanto que às vezes pensava em abandoná-la e seguir a viagem a pé mesmo. Além disso as constantes reclamações de Jane, sua dama de companhia, estavam a fazendo maluca e dificultando ainda mais o trajeto.

—Deveria ter-me feito de doente para não te acompanhar, esse lugar com certeza será minha morte! – disse ela.

Lis fez uma prece aos céus para que nunca mais fosse necessário viajar ao lado dela, ou se fosse impossível de evitar que ao menos ela se lembrasse de trazer alguns tufo de algodão para colocar nos ouvidos. Ela apreciava muito Jane na infância, ela era neta de umas das empregadas mais velhas do castelo e nasceu praticamente na mesma no dia que seu, quando Lis perdera a mãe aos cinco anos a avó de Jane foi quem praticamente a criara e assim ambas passavam muito tempo juntas. Hoje ela não passava de uma empregada como qualquer outra para Lis. Na verdade ela desconfiava que todo esse mau humor derivasse da falta que estava sentindo dos amantes, corria o boato que ela já havia deitado com metade dos homens do castelo e até mesmo com o próprio Rei, mas ela não acreditava que o último fosse

verdade.

—É uma sorte que ainda não fomos atacadas, se algum escocês nos avistar e ao menos desconfiar que haja mulheres aqui, eles matarão os homens e abusarão de nós sem dó alguma.

—Qualquer pessoa que avistar a comitiva e ver uma carruagem deduzirá que mulheres viajam nela, além do mais... – Porém Lis não conseguiu terminar a frase.

De repente a carruagem freiou a fazendo-a dar um pequeno salto. Sua dama de companhia fechou rapidamente a janela e mandou ela se abaixar.

—O que eu disse Lis?! Estaremos mortas em pouco tempo.

Lis tentava ouvir o que estava acontecendo lá fora, o som de cascos de cavalos chegando a fez deduzir que um grupo se aproximava deles.

— Quem são vocês que passam pela terra dos Sinclair? – Disse uma voz alta e grave que fez com que um calafrio subisse por sua espinha.

“Deve ser um selvagem escocês” Pensou ela. Desde o momento em que decidiu vim passar uma temporada na Escócia, várias pessoas tentaram convencê-la a não partir nessa jornada, porém ela estava decidida a fazer isso. Na véspera de partir para a casa de sua tia, recebeu vários conselhos e o principal era ficar sempre em companhia de alguém, pois na Escócia havia muitos selvagens, guerreiros que andavam seminus e que roubavam mulheres inglesas assim como ela.

“Principalmente se souberem quem você é querida” alertou sua avó.

— Estamos a serviço do rei da Inglaterra, levamos uma encomenda para o Lorde do clã MacKay. – respondeu Arthur que fora designado para chefiar a comitiva que a levava para seu destino.

— Não vejo nenhuma bandeira do rei e não estão fardados como soldados ingleses. – Afirmou a voz grave.

Lis tentou se levantar para ver o homem que era dono daquela voz que lhe causava arrepios, mas Ana a puxou para baixo de novo.

— Estamos levando uma encomenda valiosa do rei, precisamos de

discrição e antes que tente nos roubar highlander, não é ouro que carregamos.

O homem deu uma sonora risada acompanhada por outras risadas masculinas mais contidas, o que a fez perceber que havia mais escoceses do que imaginara lá fora, imediatamente elevou uma prece para que não houvesse nenhuma briga. Nem ao menos tinham chegado ao seu destino final e Lis temia que não pudesse confirmar as expectativas que tinha sobre Escócia.

— Acha que quero o seu maldito ouro inglês? – Mais risadas, Lis era capaz de contar pelo menos dez – Quero que o seu rei enfie o ouro em seu rabo – Mais uivos masculinos – Apenas quero explicações de quem são vocês e por que estão na terra de meu pai.

— Já lhe disse que estamos indo levar uma encomenda aos MacKay.

Um forte baque no chão fez Lis perceber que alguém desmontara do cavalo, ela conseguia ouvir os passos do homem e vinham em direção da carruagem em que ela estava. O silêncio no local era capaz de denunciar o nível de tensão que estava no ar, havia ao menos vinte soldados ingleses muito bem treinados, porém ela já ouvira histórias de highlanders que sozinhos derrotaram dez homens em um campo de batalha.

— Bem se continuarem seguindo por esse caminho terá que arrumar um barco, pois chegarão ao mar em algumas horas, as terras dos MacKay ficaram para trás.

“Ótimo” pensou Lis. *“Para piorar agora também estamos perdidos.”*

— A mulher do MacKay não é parente ou algo do tipo do rei da Inglaterra Max? – Perguntou outra voz que ela ainda não tinha ouvido.

— Sim, ela é irmã do rei. – Disse a voz grave agora mais perto dela. — O que levam para o Lorde MacKay?

Lis levantou-se bem devagar, mesmo sob os protestos de Ana, e abriu apenas uma pequena brecha na janela e finalmente viu o dono da voz e suas pernas tremeram obrigando-a a se segurar pra não cair.

O homem não se parecia em nada com as imagens mentais que tinha criado de um selvagem, apesar dele estar longe de um polido inglês. Ele era muito alto, com certeza a pessoa mais alta que ela já conhecera, vestia apenas

uma espécie de saia que ia até os joelhos e seu dorso estava nu, revelava uma imensidão de músculos, uma cabeleira castanha um pouco desgrenhada, dava talvez um pouco do ar selvagem que esperava dele. Seu rosto era anguloso e marcado por uma barba cheia, porém bem aparada, o que a fez pensar que talvez ele fosse mais velho do que sua voz denunciava, mas quando ela encarou aquelas duas bolas azuis cristalinas que eram seus olhos, ela pensou tratar-se de um menino, seu olhar transmitia uma jovialidade e uma inocência sem igual.

Ele levantou o olhar e olhou diretamente para Lis e ainda que não fosse possível que ele estivesse realmente a enxergando pela minúscula brecha da janela naquele momento ela sentiu-se queimar sob aquele olhar penetrante.

— Isso é assunto particular da coroa Inglesa senhor, não podemos revelar. – disse Arthur.

O homem continuava encarando a carruagem com um olhar curioso deu um sorriso e se voltou para Arthur:

— Pois bem, iremos escoltá-los até as terras dos MacKay.

— Não é necessário senhor, basta nos indicar o caminho correto. Perdemo-nos, talvez, por causa da chuva.

O Escocês foi até seu cavalo, montou e o incitou a andar.

— Me sigam – disse sobre o ombro – Terão que atravessar minhas terras para chegar ao seu destino, e já que não querem dizer o que levam terão que nos deixar os acompanhar, ao contrário estão livres para dar meia volta e sair da minha propriedade.

Colocou-se então em marcha e os homens que o acompanhavam o seguiram, Arthur visivelmente a contragosto fez sinal para que comitiva os seguisse também.

— Que Cristo tenha misericórdia de nossas almas, seqüestradas por selvagens! – exclamou Ana.

— Eles só estão nos guiando Ana, não há necessidade de desespero.

— Isso é o que diz, mais cedo ou mais tarde eles...

Lis já não ouvia mais a ladainha de Ana, sua atenção estava toda voltada para o highlander que os guiava por dentro das terras Altas Escocesas.

II

Max

À medida que se aproximavam da fortaleza MacKay, Max incitava seu cavalo para correr mais rápido deixando aquela peculiar combinação de pessoas para trás, queria atestar logo a veracidade da história que os ingleses contaram. Ele e mais dez homens haviam passado a noite em claro espalhados por toda a propriedade a fim de pegar um grupo que estava roubando gado dos arrendatários e até mesmo da criação principal de seu pai. Eram verdadeiros gatunos, não deixavam nenhuma pista para trás, e vinham trazendo prejuízos não somente aos Sinclair com também a outros clãs da região. Quando Max e seus homens se encontraram ao amanhecer, estavam longe de resolver o mistério, ninguém encontrara nada, mas pelo menos nenhum novo furto tinha sido realizado, já estavam indo para casa quando uma movimentação na estrada chamou sua atenção e ele teve que ver do se tratava.

Uma comitiva do rei da Inglaterra andando disfarçada em território escocês era um fato no mínimo curioso para não dizer suspeito, ainda que fossem tempos de paz entre escoceses e ingleses. A terra a qual eles diziam estar indo, os MacKay, ficava ao sul das terras de seu pai, e eram excelentes vizinhos, parceiros de negócio e estavam prestes a se tornarem família já que

PERIGOSAS

a irmã mais nova de Max estava noiva de Brod, o primogênito de Connor MacKay. O último dizia-se que ele fora um homem muito bonito e charmoso na juventude, se era verdade ou não Max não sabia, mas era fato que ele conseguiu se casar com ninguém menos que a irmã do Rei da Inglaterra.

Quando chegou a fortaleza, fez um sinal para os guardas e eles abriram o portão, eles o conheciam bem desde criança e já não eram necessários apresentações. Ele encontrou Connor no salão junto com sua esposa.

— Jovem Max, o que faz por aqui? – disse ele se levantando para cumprimentá-lo.

Connor estava no auge de seus sessenta anos, aparentava exatamente a idade que tinha, o que sobrara de sua cabeleira loura agora apresentava tons prateados, a senhora Marie, também continuava bonita pra idade, tinha cabelos ruivos que mantinha trançados, tinha um corpo bem conservado e estava sempre numa postura ereta, crescera com uma princesa e velhos hábitos podem nunca desaparecer.

—Aconteceu algo incomum hoje – disse ele sentando-se na cadeira em eu Connor indicava – Uma comitiva atravessava as nossas terras hoje pela manhã e quando o abordei disseram que estavam a serviço do rei inglês e planejam vir pra cá tendo se perdido no meio do caminho.

— O que lhe disse Con, com certeza são eles, diga-me Max onde estão agora? – Pediu Marie a esposa inglesa do líder do clã MacKay.

Max contou por alto a história que se passara e ela saiu correndo gritando por a filha, Eryn, para encontrar seja o que for que o rei havia mandado para ela.

Connor deu uma profunda gargalhada e disse:

— Eu agradeço por ter os escoltado Max, mais um dia e aposto que a própria Marie pegaria um cavalo e iria tentar encontrá-los, mas venha quero lhe mostrar como está a construção da nossa segunda destilaria.

Connor abastecia toda a região com uísque, e era sua fabricação que movimentava toda a economia do clã MacKay e graças à bebida tipicamente escocesa eles eram um povo muito rico.

Max e Connor saíram pelos fundos, porém antes de chegar ao local Connor o puxou para um canto.

— O que de tão especial o rei enviou para a senhora Marie que necessita de toda essa segurança? – Perguntou Max.

— Jovem Max, sei que é uma pessoa de confiança e melhor amigo de meu filho é apenas por isso que irei lhe confidenciar isso. O rei nos enviou seu bem mais precioso, sua filha.

— A princesa da Inglaterra está aqui? – Perguntou ele espantado.

— Sim ela passará um ano conosco, ela própria pediu por isso. Porém Max, para todos os efeitos, ela é apenas uma sobrinha distante de Marie.

— Não se preocupe Connor, não darei essa informação nem mesmo ao meu pai.

— Muito bem meu rapaz. – disse Connor dando umas tapinhas nas costas de Max e o guiando rumo à construção nos fundos da fortaleza.

— Perdoe-me a curiosidade, mas o que a princesa...

— Não Max, não diga essa palavra em voz alta aqui.

— O que a senhorita – disse ele se corrigindo – Pretende fazer aqui?

— A coitada perdeu a mãe muito cedo, sempre viveu sozinha e trancafiada naquele castelo. Eryn já passou uma temporada lá, então minha sobrinha pediu que ela pudesse fazer o mesmo e vim passar um tempo conosco.

“*Pobre princesa*” pensou Max. O choque de realidades com certeza a faria maluca.

Os MacKay tinham condições financeiras para lhe prover uma boa estadia, mas ainda sim muito diferente do luxo de ser uma princesa. Nas terras altas não haviam numerosos bailes ou celebrações, a vida social não era agitada, a própria Marie havia dito a mãe de Max o quão difícil havia sido seus primeiros anos na Escócia.

Connor lhe mostrava todo o trabalho que estava sendo feito e seus planos de expandir a venda para outros clãs mais ao sul, mas o sono e o cansaço estavam dominando o corpo de Max e involuntariamente ele

PERIGOSAS

bocejou.

— Por um acaso alguma dama o deixou passar a noite em claro Max?
— Provocou Connor e Max riu.

— Quem me dera ao menos ter visitado o meu quarto na noite passada Connor, estávamos atrás dos ladrões de gado, mas nada conseguimos. — respondeu ele.

— Eu também tenho alguns homens vigiando as fronteiras, a hora deles chegará, logo os pegaremos. Vou deixá-lo descansar agora, mais uma vez obrigado por ter trazido minha sobrinha até nós.

Quando ele ia se virando MacKay o chamou novamente.

— Já ia me esquecendo daqui um mês Mary oferecerá um baile e todos de sua casa estão convidados, claro que receberão um convite formal, mas desde já fique avisado.

Max assentiu e saiu rapidamente dali antes que Connor pudesse puxar outro assunto, ele estava muito curioso para ver a inglesa que chegara, mas a possibilidade de encontrar com Eryn, a caçula dos MacKay que tinha uma pequena queda por ele, o fez dar a volta no castelo para chegar ao pátio onde seus homens o esperavam.

— O que foi isso tudo Max? — perguntou Alair, seu melhor amigo escudeiro, enquanto ele subia no cavalo e colocou para andar.

— Ao que parece uma sobrinha do rei e da senhora MacKay venho passar uma temporada aqui na Escócia. — respondeu Max

— É formosa? — perguntou o amigo.

— Não cheguei a vê-la, mas penso que sim, todas as inglesas são sempre tão formosas — respondeu Max — Talvez tenha a oportunidade de conhecê-la mês que vem no baile que irão oferecer em homenagem a ela.

— Sabes que não aprecio bailes...

— Ou Brod — interrompeu Max e Alair devolveu-lhe um olhar carrancudo — Esqueça isso, vamos pra casa, eu preciso dormir.

A língua de Max já estava dolorida de tanto assoviar.

Não via sua cadela, Predadora, desde a noite passada e ele já começava a se preocupar. Já andara por toda fortaleza e olhara cada recanto, só faltava o estábulo que era pra onde ele estava indo agora, mas não conseguira encontrá-la, ela andava um pouco esquisita nos últimos dias, provavelmente deveria estar doente.

—Predadora – Gritou ele e em seguida deu outro assovio.

—Hei Maxwell – era a voz de sua mãe que o chamava.

Ele virou-se e deparou-se com ela correndo em sua direção.

—Ótimas notícias – disse ela ofegante – Venha comigo.

Ela o puxou pela mão e saíram correndo em direção até horta dela e quando eles chegaram Max não conseguia acreditar no que via.

—O que disse a ti? Há muito tempo que já sabia que ela estava prenha e você não acreditou.

A cadela estava bem deitada em um canto onde a terra era bem fofa, e três filhotinhos sugavam em suas tetas, dois com o pelo todo branco, assim como ela, e o outro era malhado de branco e preto.

—Menina má – disse Max indo até e lhe fazendo carinho – Fostes te aventurar com qualquer um por aí e olhe o resultado.

—São todos machos – disse Ana – Como eram apenas três filhotes a barriga dela não crescera tanto, os dois brancos são bem fortes, porém esse malhadinho não sei se irá sobreviver, ele é muito bobinho, não pega o peito durante muito tempo.

—Bobo – disse ele pegando o menor dos filhotes nas mãos e a cadela deu um latido em protesto – Tente salvá-lo mãe, toda vida é preciosa, irei atrás de algo para ela comer e providenciar um leito adequado para essa mamãe.

Sua mãe ficou cuidando dos filhotes enquanto ele foi pra dentro

procurar alguns trapos velhos para fazer uma cama para Predadora.

—Aí está ele – disse Monroe irmã mais nova de Max, quando ele adentrou a salão do castelo.

Assim que o fez arrependeu-se na hora, Eryn, a filha de Connor estava na sala junto com o irmão Brod.

—Preciso sair, tenho que visitar uma senhora doente – disse a irmã – Você pode entreter os convidados agora.

Max desferiu a irmã um olhar sanguinário, mas ela apenas deu de ombros. Brod era noivo dela, um noivado, que pelo menos da parte dela era sem amor. Foi muito conveniente quando Brod havia pedido a mão de Monroe, ambas as famílias se agradaram muito com o compromisso, principalmente por serem vizinhos uma aliança assim evitaria conflitos futuros. No começo o amor entre os dois parecia ser mutuo, mas com o passar do tempo ela se deu conta que já não queria mais a união e até tentou desmanchá-la, porém em vão Brod parecia realmente gostar dela e não deixou que o rompimento acontecesse.

—Deixe-me persuadi-la a acompanhá-la Monroe. – pediu Brod.

—Não é necessário – ela respondeu – É uma visita enfadonha, não quero aborrecê-lo, se me dão licença.

Quando ela ia saindo Brod foi até ela e fez menção de beijá-la na boca, mas ela abaixou a cabeça e a boca dele fez contato apenas com a testa dela.

—Adeus Brod, e mais uma vez transmita minhas desculpas a sua mãe por não poder comparecer ao baile. – e rapidamente saiu dali

“*O baile*” pensou Max. Então era esse o motivo da visita.

Já havia se passado quase um mês desde que a princesa tinha chegado e nunca mais tivera notícias dela, também não retornara a voltar lá, era época de plantio e estava muito ocupado ajudando aos trabalhadores. Ele era o herdeiro do título de Lorde do clã Sinclair, mas isso não queria dizer que ficaria na proteção da fortaleza, ao contrário, trabalhava em todos os setores do feudo, com os animais, plantações e treino dos guerreiros. Se pretendia tornar-se um bom administrador um dia tinha que entender tudo o que ocorria

em sua propriedade.

—Max você irá ao baile não é mesmo? – perguntou Eryn.

—Sim irei, pode contar com minha presença.

Ela deu um pulo da cadeira batendo palminhas.

—Será meu acompanhante, dançará comigo todas as músicas.

—Eu lamento Eryn, mas seu pai já havia me dito do baile e já convidei outra pessoa para ir comigo.

“Ótimo” pensou ele. “Agora terei que arrumar alguém pra ir comigo”

E se não conseguisse alguém a tempo, não iria comparecer a última coisa que queria em sua vida era Eryn no seu pé a noite inteira.

Ela sempre fora um pouco obcecada por ele e depois do noivado entre seus irmãos ela ficara certa que Max também pediria a sua mão, o que lógico ele não faria em hipótese alguma. Já estava com vinte e cinco anos e precisava de uma noiva, mas gostaria de seguir o exemplo de seu pai e amar a mulher com que se casasse e se não encontrasse iria procurar alguém que pelo menos apreciasse e Eryn estava longe de qualquer opção.

—Max será que podemos falar em particular? – perguntou Brod tirando-o de seus devaneios.

—Claro, Eryn minha mãe está na horta se quiser lhe cumprimentar esteja à vontade.

Ela saiu com a cara emburrada e Max conduziu o amigo para o escritório do pai, assim que entraram ele apontou uma cadeira a qual o cunhado prontamente sentou, pegou duas taças e serviu uísque para ambos.

—Então sobre o quer conversar?

—Tu sempre fosse mais entendedor de mulheres que eu – começou ele – E por você ser irmão dela, queria te pedir ajuda com Monroe, acho que ela está deixando de me amar e a cada dia a sinto mais longe.

Era um tanto estranho para ele estar conversando com Brod assim, há muito ele era como um irmão, e agora se tratavam apenas com formalidade.

Eles eram melhores amigos na infância e junto com Alair formavam um trio e tanto, como as casas eram muito próximas eles estavam sempre alternando entre elas. E foi assim até a adolescência, tinham lições juntos, treinavam com a espada e no tempo livre brincavam como garotos que eram, mas depois que viraram rapazes a senhora Mary teimou que os filhos tinham que ir passar um tempo na Inglaterra e assim começou o distanciamento. De tempos em tempos ele voltava para visitar a família e um interesse por Monroe surgiu, Brod então começou a trazer muitos presentes ingleses e caros, que ela nunca sonhou em ter e o pedido de casamento veio logo depois.

—Converse com ela, abra seu coração e fale abertamente o que lhe aflige – disse Max.

—Sinceramente, tenho medo da resposta dela se o fizer – respondeu Brod – Ela já tentou desmanchar o noivado uma vez, e se ainda lhe tem essa ideia na mente?

—E você gostaria de desposar alguém que não quer casar contigo? Desculpe, mas não consigo entender.

—As mulheres são assim mesmo – respondeu o cunhado – É como um jogo de sedução para elas, nos recusam para que possamos ir atrás delas.

—Não sei o que andou aprendendo na Inglaterra, porém não concordo contigo, eu conheço a minha irmã, você a conhece também, fomos criados juntos e ela não tem esse tipo de comportamento.

Max sentia vontade de sacudi-lo e dizer que realmente Monroe não o amava, mas seu pai o proibira de intervir na relação deles, ele sempre dizia que ela se meteu nisso e somente ela poderia resolver.

—Acaso você sabe que se ele nutre algum sentimento por outro? – perguntou Brod.

—Não sei se há outro na vida dela – respondeu Max – Mas, por favor, aceite meu conselho e vá ter uma conversa com ela, é inútil tudo isso, só quem pode lhe dar as respostas que procura é Monroe.

Ele então se levantou e foi em direção a porta para dar o assunto como encerrado.

— Eu a conquistei uma vez – disse ele se levantando e seguindo Max
– Posso conquistá-la novamente, não acha?

Porém Max nem sequer respondeu, não adiantaria, assim como a irmã ele era um mimado e achava que poderia ter o que quisesse. Por hora deixaria como estava, mas se Monroe não desse um jeito de dizer a verdade, ele próprio daria um jeito de acabar com esse noivado infeliz.

III

Lis

Lis deu um pequeno salto da cadeira onde tomava chá com sua tia, quando Eryn irrompeu pelo salão aos prantos.

—Não irá acreditar mamãe, Max disse que já tem compainha para o baile – e Marie foi até ela para consolá-la.

Não fazia nem um mês que estava na Escócia e já começava a se arrepender de ter o feito, Eryn só ficava dentro da fortaleza costurando ou se embelezando e de cada dez palavras que saíam de sua boca, nove eram “Max”. Agora Lis sabia quem o homem que os havia encontrado naquele dia, era Maxwell Sinclair, filho de Ronald Sinclair, Lorde do clã vizinho aos MacKay, e sua prima nutria uma grande paixão por ele. Talvez as constantes menções dela à Max, fez com que Lis também não o conseguisse tirá-lo de seus pensamentos, o que era loucura, pois só havia o visto uma vez e eles nem ao menos conversaram, certa noite chegou até mesmo a sonhar com ele. A imagem do highlander guiando-os ficou tão marcada em sua mente que foi com ela que sonhou, ele montado em seu garanhão branco percorrendo a toda velocidade os verdes campos e o vento fazendo seus rebeldes cabelos ficarem mais bagunçados que o normal.

— E em relação a Monroe, Brod? – perguntou Marie.

—Ela pediu que transmitisse suas desculpas, mas que não poderá vir. – respondeu o primo.

—Isso é um ultraje da parte dela, vocês são noivos, não há compromisso que possa superar o dever dela de te acompanhar em ocasiões como essa. Deveria repensar esse noivado meu filho...

—Não! – disse Brod e Eryn ao mesmo tempo.

—Se Brod termina com Monroe minhas chances com Max irão acabar de vez. – disse ela enquanto subia as escadas rumo ao seu quarto.

—Eu a amo, ela será minha esposa. – disse ele acompanhando a irmã.

Lis apenas encarava a cena sem dizer nada, e mesmo sendo da família não queria se intrometer em seus problemas pessoais.

—Desculpe por isso minha sobrinha, Eryn ainda é muito nova, e não entende nada sobre os homens, já lhe disse inúmeras vezes que sua abordagem com Max é muito agressiva.

—A senhora apreciaria uma união entre ela e o filho do Lorde Sinclair?

—Oh sim – respondeu a tia – Oro por isso todas as noites, meus dois filhos casados com os dois filhos de Ronald seria uma excelente união. Porém em muitos momentos eu duvido que isso venha a acontecer, Max é alheio aos encantos de Eryn e até mesmo a irmã dele, que aceitou casar-se com meu filho, está cada dia mais distante.

—Isso deve ser apenas uma fase tia – tranqüilizou Lis – Quando a senhora ficou noiva do senhor MacKay também não teve suas duvidas?

—Que bobagem, é lógico que não! Essa é a melhor fase da vida de uma mulher. Se ela não estiver animada com ele, é porque não é para ser.

Lis apenas abaixou a cabeça e ficou encarando contemplativa a xícara de chá que tinha nas mãos.

—Não precisa apertar tanto Jane! – repreendeu Lis – Não consigo respirar.

Mas em resposta só obteve um resmungo, era incrível que mesmo no dia do baile, uma ocasião tão inglesa, sua dama de companhia estivesse com tão mau humor.

—Já disse que se quiser pode voltar à Inglaterra, detestaria passar mais onze meses contigo nesse teu estado de animo.

—Acredite Lis, estou muito tentada a aceitar.

O vestido que Lis usaria nessa noite era muito lindo, ela tinha trazido da Inglaterra quando veio especialmente para usá-lo em alguma ocasião especial que viesse a acontecer. Ele era todo feito de renda branca, a saia bem volumosa e o corpete justo, bordado com pequenas pérolas, agora que o

PERIGOSAS

provava percebeu que o decote estava no limite do permitido, mas ainda assim mostrava mais do que ela estava acostumada e ficou tentada a tirá-lo. Mas por fim resolveu usá-lo assim mesmo, afinal não foi pra isso que veio à Escócia, para viver novas experiências e ultrapassar limites?

—Pronto, está tudo o lugar como vossa alteza gosta, agora vamos, pois já estamos atrasadas e a banda já começou a tocar.

Quando chegaram ao salão Lis ficou maravilhada, tudo estava muito lindo, sua tia havia mandando vir vários artigos de decoração diretamente da Inglaterra. Todas as moças trajavam lindos vestidos, já a maioria dos homens ainda trajava o kilt, mas de uma maneira mais elegante, com camisa, meias e sapatos.

Era uma bela representação daquela família, metade inglesa e metade escocesa.

— Oh minha querida – disse a sua tia indo até ela quando viu que ela tinha chegado – Está tão linda, você se parece tanto com sua mãe, tens a elegância natural que ela tinha.

—Obrigado – respondeu Lis um pouco sem graça – Este será um baile muito peculiar minha tia.

—Nem me fale – disse a tia revirando os olhos – Pedi tanto a estes homens que viessem com roupas formais, mas em vão, os escoceses não sabem o que são regras sociais.

Lis teve que rir.

—Falava no sentido bom tia, são exatamente essas coisas que farão desse um baile inesquecível.

Um burburinho começou a se formar na entrada, Lis levantou a cabeça par poder identificar a causa. Nesse momento meia dúzia de escoceses entrou pela porta, liderados por ninguém menos que o homem que estava atormentar os sonhos de Lis.

Ele estava tão lindo quanto ela se lembrava, só que dessa vez ele estava um pouco mais formal, estava muito bem trajado como os outros homens escoceses que estavam lá, porém seu cabelo estava um desastre como no primeiro dia em que o vira.

—É um lindo homem não é mesmo? - disse Eryn chegando de repente ao seu lado.

Ela com certeza havia reparado o quanto estava prestando atenção nele.

— Penso que ficaria mais bonito se tentasse pentear os cabelos de vez em quando. - disse Lis tentando mostrar indiferença. Eryn apenas deu uma risadinha.

— É um highlander Lis, não se pode tentar domá-lo, nenhuma parte dele.

Lis continuava a observá-lo de longe, agora havia duas mulheres conversando com ele, cada uma pendurada em um de seus braços. A cada frase que ele dizia as duas coravam e se desmanchavam em sorrisos, e ele parecia adorar isso.

"Deve ser apenas mais um galanteador barato" pensou Lis *"Um destruidor de corações"*.

Quase que como magia, seus pensamentos pareceram se conectar e Max levantou seu olhar de encontro ao dela e de novo ela sentiu-se queimar, só que dessa vez de uma maneira bem mais intensa.

—Oh céus ele está olhando pra mim Lis, o que eu faço, será que vou até ele – disse Eryn

Ele a olhava de maneira descarada, nem mesmo piscava, Lis também não conseguia desviar os olhos dele, era como em seus sonhos.

—Já sei vou até ele e colocar aquelas mulherzinhas para correr.

A prima então foi correndo em direção a ele, forçando-os a quebrar o contato visual quando praticamente se jogou nele, mas logo ele a colocou de lado.

Lis conseguia perceber que, apesar deles estarem conversando, os olhos dele ainda se mantinham nela, daquela distância era impossível saber qual assunto que eles falavam, mas as duas mulheres que estavam com ele anteriormente não desgrudaram dele mesmo com a presença de Eryn.

—Concede-me a próxima dança prima? – perguntou Brod a

assustando.

—Claro – respondeu ela.

Lis deu uma última olhada para Max e seguiu para onde os pares estavam sendo formados, existiam bem poucos casais.

—Penso que dançaremos muito Lis, são poucos os homens que sabem dançar aqui.

E assim o foi. No meio da noite os convidados separaram-se basicamente em dois grupos, alguns homens arranjaram gaitas de fole e os escoceses começaram a dançar a seu próprio modo, enquanto os poucos ingleses continuaram com as valsas. Muita cerveja e uísque eram servidos no lado dos escoceses e logo os gritos deles dominavam todo o salão.

—Venha Lis, dance comigo, deixe-me mostrar como se faz aqui na Escócia – disse seu tio, tão bêbado quanto um gambá, puxando-a para o lado escocês.

Ela tentava imitar os passos das pessoas ao seu redor, seu tio não estava com uma boa coordenação para conduzi-la, porém não havia passos certos realmente e apenas deixou a música levá-la.

A partir daí até o final da noite ela ficou no lado escocês, ela tentava manter-se sempre desacompanhada na esperança de que Max a chamasse para dançar, porém o baile chegou ao fim e não houve nenhuma atitude da parte dele. Lis desconfiava que na verdade ele não sabia dançar, pois em nenhum momento ele dançara com quem fosse, mesmo com a maioria das moças do salão tentando roubar-lhe a atenção, Eryn acima de todas.

Queria muito ter coragem para ir falar com ele ou que ele viesse falar com ela, desejava agradecer-lhe por ter os escoltado no dia em que chegara à casa tia, mas pelas regras sociais uma mulher não deveria ir falar com um homem se não forem anteriormente apresentados. Caberia ao seu tio Connor apresentá-los, porém antes do meio do baile ele já estava bêbado e Brod teve que carregá-lo para o quarto e sua tia ficara extremamente furiosa com o marido.

Na verdade a maioria dos homens também estavam na mesma situação de seu tio, havia homens aos montes caídos pelos cantos e outros

cambaleando em direção a saída. Como sempre seus olhos procuraram por Max numa última esperança de falar-lhe, mas parecia que ele já tinha ido embora sem que ela se desse conta.

Lis então resolveu subir para seu quarto, estava exausta, com muito sono e queria logo ir pra cama. Jane não estava à vista e ela teve que tirar, com muito trabalho, o pesado vestido.

Sentia muito calor e abriu a janela do quarto para ar fresco entrar e se deitou esperando o sono chegar, na verdade ela estava muito ansiosa para os sonhos que viriam agora, pois tinha coletado bastante material para eles nessa noite.

IV

Max

Já se passava do meio dia quando Max e Alair decidiram voltar pra casa.

Depois de passar mais uma noite e a parte do dia em claro patrulhando as terras em busca dos malfeitores que estavam roubando o gado, eles estavam nada menos que exaustos, e ainda por cima foi todo o trabalho em vão, pois nada encontraram. Isso junto à noite de bebedeira que tiveram na noite anterior a passada estava tornando o humor deles insuportável.

— Gavin mandou-me outra carta, ele quer que eu vá aos jogos de qualquer maneira. – disse Max ao amigo.

Os jogos escoceses eram a mais sublime representação de masculinidade e virilidade, essa era um tradição do país, são muitas as provas que os competidores têm que enfrentar para conquistarem o prêmio.

— Por favor, Max temos que ir, o prêmio que ele está oferecendo é muito alto, se eu ganhar tenho certeza que Henson me concederá a mão de Laren.

—Sabes muito bem a motivação dele Alair, e não sei se quero isso agora.

—Não iremos em busca do prêmio principal e sim do ouro sabes que... Olhe aquilo Max – disse Alair apontando em direção a floresta – É uma mulher?

Max se virou na direção que ele apontava e viu uma figura com um vestido e longos cabelos negros encaracolados, rapidamente fez a associação de quem se tratava.

O que ela fazia tão longe de casa, e ainda mais sozinha?

— Vou até lá ver o que se passa – disse Max virando na direção dela e quando Alair fez menção em segui-lo ele disse que não – Deixe que eu cuide disso, vá pra casa descansar.

Ele cavalgou até ela e percebeu que ela se assustou quando o viu.

— Boa tarde senhorita – disse ele cumprimentando-a.

Ela fez uma pequena reverência a ele.

—Eu lhe conheço, a vi no baile que a senhora MacKay ofereceu, presumo que seja a tal sobrinha distante que está a visitando, não é mesmo?

Ela assentiu com a cabeça sem proferir nenhuma palavra, a todo o momento encarava o chão e mexia as mãos inquietas.

— Hum, não é muito falante não é mesmo. - provocou Max - Diga o que faz aqui tão longe?

Ela olhou para cima e Max percebeu a hesitação em seus olhos verdes, ela estava claramente amedrontada, seu vestido branco estava muito sujo na barra e seus cachos um pouco desgrehados.

— Penso que me perdi - disse ela voltando a olhar para o chão. - Meus tios saíram pela manhã estava sozinha e resolvi dar uma caminhada, saí da trilha e agora estou aqui.

— Cristo - disse ele desmontando, correndo até ela e colocando a mão em sua testa para verificar a temperatura. - Deve estar desidratada.

Max voltou ao cavalo e pegou um cantil com água e entregou a ela.

— Beba - ordenou ele.

Ela não perdeu tempo e entornou quase todo o conteúdo do cantil.

— Venha comigo irei levá-la até a casa de seus tios.

— Não é necessário, basta apenas me indicar o caminho pelo qual devo seguir.

Ele apenas balançou a cabeça em sinal de descontentamento, subiu no cavalo e ordenou:

— Suba.

— Agradeço senhor Sinclair, mas como lhe disse é desnecessário. Além do mais não é polido uma dama estar no lombo do cavalo de um desconhecido.

— Me chame de Max, senhor Sinclair é o meu pai. Além do mais não sou um desconhecido já nos encontramos antes e você sabe quem eu sou, apenas não fomos apresentados ainda. - disse ele erguendo as sobrancelhas.

— Lis - disse ela- Me chamo Lis.

— Líís - disse Max exagerando na pronúncia francesa.

Ela ficou uma pouco irritada, deu meia volta e saiu andando na direção que vinha caminhando antes.

— Desse jeito irá parar na costa da Escócia moça. - disse Max

Ela deu a volta e seguiu pelo caminho oposto ao qual ele estava.

— Então quer visitar minha casa? Pois esse caminho leva até ela. - disse Max claramente se divertindo com a situação.

Lis soltou um grunhido se virando pra ele.

— Poderia, por favor, me mostrar o maldito caminho de volta?! - exclamou ela com raiva.

Ele deu uma gargalhada e disse:

— Já que me pediu tão educadamente farei isso.

— Obrigad... - ela começou a dizer, mas parou quando percebeu que ele incitava o cavalo rapidamente em sua direção.

Quando ela ia se jogar de lado Max a agarrou e colocou-a atrás dele.

— Segure-se - gritou ele.

E ela o fez, agarrou-se a ele tão forte que Max teve um pouco de dificuldade para respirar. Precisava chegar à casa dos MacKay o quanto antes, a coitada da pequena inglesa deveria estar morta de fome e cansaço e

se os tios dele já tivessem chegado deveriam estar loucos atrás dela, por isso pôs seu cavalo para correr ainda mais rápido. Como as terras eram vizinhas e eles moravam bem perto da fronteira, rapidamente chegaram, assim que a fortaleza já estava à vista ele fez o animal parar, porém Lis continuava firmemente agarrada a ele.

—Já chegamos – anunciou Max.

Mas ela ainda continuava a aprisioná-lo em seu abraço, ele então pegou as mãos dela e foi separando lentamente e aos poucos ela foi abrindo os olhos e se afastando dele. Quando se deu conta ela deu um pulo do cavalo e começou a caminhar.

—Senhorita Lis, espere! – disse ele descendo do cavalo e a seguindo.

—Afaste-se de mim, acaso estava tentando nos matar, nunca mais chegue perto de mim de novo.

— Não precisa me agradecer – disse Max rindo.

Ela lhe fuzilou com o olhar e saiu pisando dura em direção a casa dos tios e ele ficou a observando.

Lis parecia ser uma coisinha teimosa, e Max adoraria domá-la.

— Oh Max, não sabia que era esperado – disse Eryn alisando repetidamente a mecha da frente do cabelo.

— Na verdade vim ter com sua prima, ela está? – perguntou ele.

Depois do dia em que a encontrou perdida ele não conseguiu tirá-la do pensamento, vagou diversas vezes por a terra de seus vizinhos para tentar revê-la, mas parecia que ela tinha se entocado em casa, e teve que arrumar um pretexto para ir ao encontro dela.

—Lis? – respondeu ela – Sim ela está, mas o que quer com ela?

Max reparou um belo par de olhos esmeralda lhe observando timidamente em cima da escada e acenou para ela.

— Senhorita Lis, gostaria de lhe falar por um momento.

Ela então começou a descer as escadas, estava bem diferente do último encontro deles, usava um vestido imaculadamente branco com um coque perfeito no alto da cabeça, andava com uma postura invejável digna da realeza, a qual ela realmente pertencia. Quando chegou até ele fez uma reverência a qual ele retribuiu sem jeito.

— Poderia me conceder um pouco de seu tempo?

Ela como sempre tímida e pouco falante apenas assentiu com a cabeça. Eryn se adiantou agarrando-se ao braço de Max.

— Vamos para o jardim, conversaremos melhor lá.

Max se desvencilhou do aperto dela e colocou o braço de Lis sobre o seu.

— Preciso falar com a senhorita Lis a sós Eryn.

— Mas Max... – começou ela com cara de choro – Vá então, assim haverá tempo para que mande preparar um chá para nós, só para nós dois, eu já volto. – e saiu correndo em direção da cozinha.

Max revirou os olhos e guiou Lis para fora do castelo. Nesse momento o presente que ele trouxera para ela latiu e tentou sair do esconderijo, Lis então viu a cabeça que saía do tartan dele.

— É um dos filhotes de Predadora, a minha cadela – Disse Max tirando o cão para fora – Queria que ficasse com ele.

— Ele tem um nome? – perguntou Lis.

— Não. Pelo menos não um de verdade. Eu o chamo de Bobo, ele nasceu menor que os outros e é sempre deixado pra trás pelos irmãos, eles acabaram sendo adotados e ele foi o único que restou. Se quiser pode lhe dar um nome real. – disse Max lhe entregando o animal.

Lis o segurou analisando-o, o cão era branco com manchas pretas e tinha orelhas maiores que o normal para a sua idade, ele então deu um pequeno latido e lambeu o nariz dela.

— Acho Bobo um nome ótimo – disse ela dando um pequeno beijo na testa do animal – Muito obrigado Max, prometo que cuidarei dele.

—Quero que me prometa outra coisa, irei para uma viagem amanhã, passarei pelo menos um mês fora e queria lhe pedir que não se aventure por a floresta e se por um acaso precisar se ausentar saia com Bobo.

Lis assentiu e voltou sua atenção para o filhote.

— Passeie com ele – continuou Max – Ele vai sempre lembrar-se do caminho e assim não irá ficar perdida.

Max reparou que Lis já não lhe prestava atenção, estava completamente encantada com o filhote, ela havia colocado-o no chão e ele os seguia com o rabinho balançando.

—Como posso lhe agradecer Max? – disse ela se voltando para ele – É com certeza o melhor presente que já ganhei em minha vida.

Bobo tentava ganhar a atenção de Lis de novo e começou a pular e latir, ela o pegou no colo e depositou um beijo entre suas orelhas, Max sentiu um pouco de inveja do cão e começou a se perguntar como seria provar daqueles lábios também.

— Max!

Um grito interrompeu seus pensamentos, ele se virou para o onde o som havia vindo e viu tratar-se de Eryn que gritava da janela.

— Venha o chá está pronto.

—Cristo, eu odeio chá – “E Eryn também” pensou ele – Foi um prazer senhorita, lhe vejo quando voltar – disse Max pegando a mão de Lis e depositando um beijo.

— Não irá tomar o chá?

— Max! – a voz de Eryn vinha se aproximando.

— Oh não senhorita, a viagem a qual partirei amanhã já será martírio suficiente, adeus – e saiu correndo para o cavalo.

— Hei Max – chamou Lis correndo até ele.

Maxwell montou no cavalo e virou-se para ela que vinha com um lenço na mão que entregou para ele.

—Me chame de Lis está bem, nada de senhorita.

V

Lis

O calor era intenso, o suor escorria.

Seus corpos nus estavam tão grudados que seria impossível qualquer coisa separá-los.

— Max – sussurrou Lis enquanto ele percorria toda a extensão do corpo dela com a mão.

— O que quer minha princesa – disse ele no ouvido dela provocando arrepios – Diga o que quer que eu faça, sou seu súdito.

— Me beije Max, me faça sua.

Ele o fez, com uma destreza sem igual. O beijo de Max, assim como ele, era forte, dominante e implacável, um beijo de um verdadeiro highlander. Foi então que ele se separou de sua boca e começou a lambe seus lábios,

nariz bochecha...

— Bobo! – Gritou Lis despertando e empurrando o cachorro de cima dela.

A porta do quarto se abriu e Jane irrompeu por ela alarmada.

— O que se passa minha senhora?

— Nada, foi apenas Bobo que me assustou. – disse Lis.

— Deveria livrar-se de animal nojento imediatamente senhora, é um selvagem assim como o dono.

— Não diga asneiras, e Bobo me pertence não mais ao senhor Sinclair – disse Lis levantando-se da cama - Só está assim porque não fizemos nossa caminhada ontem. Prepare um banho para mim preciso sair.

Jane revirou os olhos e disse:

— Essa terra maldita a está fazendo louca senhora, irei mandar que suba a água quente.

—Não, mande vir água fria mesmo.

— Hei Bobo, não corra – repreendeu Lis.

Assim que terminara seu banho naquela manhã, Lis saiu com Bobo para caminhar. O cão estava agitado desde a noite anterior.

Ela decidiu caminhar até o bosque para colher algumas frutas, porém seu cão parecia farejar algo e seguia determinado por um caminho desconhecido. O som de água fez Lis perceber que eles estavam perto do rio e assim na terra dos Sinclair, seus pensamentos voaram imediatamente para Max o que fez uma sensação estranha se alojar em seu peito. Já fazia mais de um mês que ele havia partido e até agora não voltara, depois de conversar com algumas criadas de sua tia, ela descobriu que Max fora a um tipo de competição num clã distante.

Bobo fez uma curva e então chegaram ao rio, porém Lis não estava

PERIGOSAS

preparada para a visão que a esperava. Justamente ele, Max, mas com um detalhe: ele estava nu como no dia em que veio ao mundo.

Ela já tinha o visto sem camisa antes, apenas de kilt e tartan, mas completamente sem roupa era a primeira vez. Na verdade era a primeira vez que via qualquer homem sem roupa, seu corpo começou a ferver, assim como estivera logo pela manhã quando acordou. Ele estava de costas para ela, parecia ter acabado de sair da água, pois seu cabelo pingava e as gotas trilhavam por todo o seu corpo, a cadela dele, percebendo sua presença, latiu e veio em direção ao filhote o que chamou a atenção de Max, ele virou-se para ela e Lis pode ver o membro dele... Rapidamente ela virou-se de costas para ele envergonhada, ela pode ouvir a sonora gargalhada de Max.

“Seria estranho dizer que senti falta desse som, mesmo tendo ouvido tão poucas vezes?” Pensou Lis.

—Lis, penso que me pegou um pouco desprevenido.

— Senhor Sinclair, eu... Max desculpe-me, Bobo guiou-me por esse caminho, penso que senti a presença da mãe e...

Ela conseguia ouvir um farfalhar de roupa e logo depois passos se aproximando dela, Lis virou-se na direção dele, que graças a Deus, já estava vestido.

—Estava indo agora mesmo lhe fazer uma visita, mas vejo que me facilitou a vida vindo até aqui, aceitaria dar um passeio comigo Lis? – perguntou Max oferecendo o braço numa reverência desajeitada que fez com que ela risse.

— Claro – disse ela aceitando o braço que lhe era estendido – Há quanto tempo chegou, como foi sua viagem? Espero que não tenha ocorrido nenhum transtorno.

—Cheguei hoje mesmo com os primeiros raios de sol, o caminho de ida e vinda foram muito tranquilos o problema só foi o destino – disse Max rindo – Mas não falemos disso, o que se passou aqui na minha ausência?

Os dois seguiam por uma pequena trilha com os dois cães na frente os guiando e as palavras dele lhe causaram um impacto, ele acabara de chegar e já ia vê-la.

—Tudo foi muito tranquilo, apenas Eryn ficou um pouco brava com você, ela passou todo esse tempo trancada no quarto chorando e falando algo sobre um prêmio e as gêmeas do demônio, na verdade eu não entendi bem o que significava.

Max deu outra daquelas gargalhadas que o faziam parecer um menino de dez anos, sem preocupações na vida, uma risada gostosa e verdadeira que Lis seria capaz de passar um dia inteiro ouvindo.

— Sabes da tradição dos jogos escoceses certo?

Lis assentiu.

—Pois bem, lorde MacFarlane convidou homens de toda a Escócia para disputar os jogos na casa dele, aos dois que tivessem o melhor desempenho era oferecido uma escolha, ou uma soma em ouro ou a mão de uma das suas filhas gêmeas.

—Falas sério? Quão peculiares são vocês escoceses.

— Oh sim, falo sério, eu e meu amigo Alair fomos os vencedores.

O coração de Lis parou de bater durante um segundo.

— E então irá casar-se com uma das gêmeas? – perguntou Lis.

— Cristo Lis, é óbvio que não, eu tenho compaixão dos meus nervos.

A resposta dele a fez um pouco confusa.

— Você pretende nunca se casar então?

— Pelo contrário, eu ando a procura de uma noiva, preciso de herdeiros – ele olhou para ela – Mas quero poder ao menos apreciar a companhia da minha parceira.

— E em relação ao amor? – Perguntou Lis

—O amor é um luxo que poucos podem se dar, meus pais por exemplo foram afortunados com ele – ele parou de caminhar e se colocou em frente dela – Gostaria de seguir o exemplo deles e casar-me com alguém que amo.

Nesse momento ele pegou um cacho que havia se soltado do penteado de Lis e colocou atrás da orelha dela, a pele que ele tocou, mesmo que

brevemente, Lis sentiu queimar. Não estava acostumada a ser tocada, principalmente por homens, e ainda mais um que lhe causava sentimentos tão contraditórios. Para disfarçar o seu tormento ela falou:

— Sabes que Eryn é convicta que irá casar contigo não é mesmo?

Max revirou os olhos.

— Como eu disse antes, tenho compaixão dos meus nervos, já tentei várias vezes desiludi-la...

O rosto de Max se iluminou com um sorriso, ele parecia um menino que iria aprontar uma travessura, ele deu assovio longo e alto e falou:

— Venha comigo – disse ele para Lis enquanto seu cavalo vinha na direção deles – Vamos brincar um pouco!

Lis estava se sentindo muito curiosa enquanto subia as escadas em direção ao quarto de Eryn. Max queria pregar uma peça nela e pediu que fosse chamar por ela, mas não revelou qual eram seus planos, apenas que ia fazê-la abandonar a de vez a ideia de casamento por parte de sua prima. Quando chegou a frente do quarto dela Lis deu umas batidas e chamou por ela.

— O que é? – Gritou Eryn com uma voz emburrada.

— Max está lá embaixo, disse que irá tomar um chá conosco.

Lis ouviu o barulho de farfalhar de roupas e coisas sendo atiradas aleatoriamente, depois de alguns minutos a porta se abriu e ela saiu do quarto. Estava com um lindo vestido verde e um cinto prateado, porém o resto dela estava um verdadeiro desastre, os olhos e nariz estavam muito vermelhos e inchados, seu cabelo mais parecia um ninho de pássaros. Eryn nem ao menos lhe deu atenção e passou direto por ela saindo pelo corredor em direção ao salão e Lis correu para acompanhá-la, quando chegou lá embaixo Max estava sentado na mesinha de chá com Eryn na cadeira ao seu lado.

— E então Max como foi o torneio? – perguntou a prima.

—Muito bem, eu e Alair ganhamos – disse ele simplesmente dando um gole no chá e fazendo uma careta.

Lis conseguia perceber o quanto Eryn estava se esforçando para não sucumbir ao choro, ela caminhou até a mesa e sentou ao lado da prima e em frente a Max.

—Irá casar-se? – Perguntou Eryn

Max olhou para Lis e piscou o olho sorrindo.

— Na verdade ainda não decidi.

Eryn ficou irada com as palavras de Max e levantou-se abruptamente derrubando a cadeira em que estava sentada

— Então é isso, irá se casar com uma das harpias.

— Elas são harpias, mas sabes que são bonitas como as dríades das lendas – disse ele dando outro gole no chá, fez outra careta pior que a anterior e empurrou definitivamente a xícara.

—Não sou bonita o suficiente pra você então?

—Eu a aprecio muito Eryn, mas não sei – disse Max se levantando e analisando-a mais de perto – Seu cabelo é um pouco estranho.

Nesse momento Lis engasgou-se, pois teve conter a risada em meio a um gole de chá.

—O que a de errado com o meu cabelo? –perguntou Eryn.

—É liso demais – respondeu ele – Prefiro as de cabelo cacheado

A pobre Eryn tentava formular alguma coisa pra dizer, mas os soluços provindos de sua garganta a impedia de verbalizar. Desistindo ela deu meia volta e saiu correndo pelas escadas rumo ao quarto dela.

—Isso foi cruel Max – disse Lis dando um biscoitinho para bobo – Ela realmente o ama.

—Acredito foi necessário, ela foi mimada por Connor e acha que pode ter tudo quer, se me dá licença Lis preciso ir agora, ainda não vi a minha mãe e ela com certeza vai questionar-me o que era tão importante que tive que fazer antes de encontrá-la.

—Venha eu lhe acompanho até o portão – disse ela se levantando e pegando o braço que ele oferecia - Estarás muito ocupado amanhã?

—Não sei, por quê?

—Bem, Eryn não vem sendo uma compainha muito agradável esses dias e ando me sentindo um pouco entediada, vim para a Escócia com o objetivo de viver uma nova experiência, mas sinto que estou perdendo encerrada nas paredes dessa fortaleza.

Chegaram então ao portão, Max pegou uma das mãos de Lis entre as suas e levou a boca depositando um suave beijo.

—Que tal uma cavalgada amanhã depois da alvorada?

Ela sorriu, fez uma reverência e disse:

—Perfeito.

—Então lhe esperarei onde nos encontramos hoje pela manhã, e prometo que dessa vez estarei devidamente vestido.

Lis ria enquanto observava ele partir.

Um tanto quanto frustrada, Lis olhava para a pequena égua a sua frente.

Na noite do dia anterior, durante o jantar, ela havia pedido ao tio que a concedesse um cavalo para poder passear com mais liberdade, ele prontamente atendeu seu pedido e disse que ia pedir o cavalariaço que separasse um animal para ela, mas ela não esperava que eles a julgassem tão incapaz. Tinham-lhe dado praticamente uma pônei!

Não teve nem coragem de montá-la, ainda pediu por um cavalo maior, mas não sendo atendida resolveu ir ao encontro de Max a pé mesmo, chamou Bobo e foi o caminho pisando duro, mais parecia um soldado da guarda real. Quando chegou ao local marcado ele já esperava.

—Achei que íamos cavalgar – disse ele vindo até ela e fazendo uma

reverencia – Onde está o teu cavalo.

—As pessoas me julgam incapaz de conduzir um animal decente e me deram um potro, fiquei tão raivosa que me recusei a conduzi-lo – Max riu alto e ela lhe repreendeu com o olhar – Não é engraçado Max.

—É sim – disse ele – Eu não os culpo por pensar assim, você é tão pequena e junto com essa sua pele de porcelana faz qualquer um pensar que irá quebrar a qualquer momento.

—Pois saiba que sou bem mais forte do que aparento ser.

—Eu estou começando a perceber isso – disse Max subindo em seu cavalo – Venha monte comigo.

Lis hesitou diante das palavras dele. Não era certo, principalmente para ela, estar montada em um cavalo com um homem se alguém os visse acarretaria muitos problemas para ambos.

—E para onde vamos? – Perguntou Lis.

—Para um lugar especial – respondeu ele simplesmente.

—Max... – Começou ela.

— Confie em mim, está bem? Sei que nos conhecemos pouco, mas acredite eu nunca lhe faria mal ou a colocaria em alguma situação que lhe pudesse lhe por em mal lençóis.

Desde o primeiro momento em que o vira Lis sabia que poderia confiar sua vida a ele, era possível ver nos olhos dele isso. É possível ver a alma de uma pessoa através dos olhos, e no caso dele, talvez por serem de um azul tão límpido, ela conseguia enxergar cada pedacinho, ela era pura e imaculada.

Não, ele não lhe faria mal algum.

E mesmo que alguém a visse com ele lidaria com as conseqüências mais tarde. Não fora exatamente pra isso que fora a Escócia, para ultrapassar limites?

Dando se por vencida, ela caminhou até ele e aceitou o braço que ele lhe oferecia para subir no cavalo, atrás dele.

—Porém fique sabendo que eu tenho uma arma escondida e sei como usá-la. - disse Lis e Max riu em resposta – Estou falando sério!

—Não sou louco de duvidar de ti, agora se segure, precisamos correr.

E mais uma vez Max ia guiando-a por entre as highlands, mas dessa vez ela estava agarrada junto a ele, sentindo a imensidão de seus músculos e o cheiro dele invadindo suas narinas.

—Que lugar tão lindo Max! – Exclamou Lis.

Eles apenas foram seguindo o rio que cruzava as terras Sinclair e com menos de meia hora se cavalgada chegaram a uma pequena cachoeira.

—Se soubesse que planejava me trazer a este lugar tinha vindo com uma roupa mais leve – disse Lis sentando na grama.

—Fique a vontade se quiser tirar a roupa – disse Max e Lis sentiu a face arder.

Ele veio até a ela sentando-se na grama ao seu lado e apertou uma das bochechas dela.

—Sabes que estou brincando não é mesmo? É que tu ficas uma graça assim toda corada.

Lis agora sentia que o rosto estava em chamas Max deu uma gargalhada.

—Idiota – disse Lis a Max.

—Hei mocinha onde estão seus modos? – provocou ele – Realmente o convívio na Escócia está lhe mudando.

Era verdade.

De sua boca nunca saíram palavras assim, e talvez realmente a mudança de país estivesse alterando os seus tão refinados modos, que desde muito nova lhe foram ensinados. Mas isso era apenas uma parte, no fundo ela sabia que era Max o responsável, sentia tão leve quando estava com ele que

PERIGOSAS

se permitia ser ela mesma, sem freios de conduta.

Seus pensamentos foram interrompidos quando Max se levantou tirou a camisa e o kilt, quando já ia fechar os olhos ela reparou que ele estava com calções por debaixo da saia. Ele começou a correr para tomar impulso e pulou na água.

—Venha Lis! – gritou ele e em seguida mergulhando novamente no rio.

Mas ela não iria de jeito nenhum, ainda não era ousada suficiente para isso.

Lis tirou o sapatos e subiu em uma grande pedra que estava na margem e sentou-se sobre ela, subiu um pouco a saia do vestido e colocou os pés na água.

—Não acredito – disse Max emergindo de repente – Eu lhe trago a esse lindo lugar e você só irá molhar os pés?

—Não posso me banhar em frente a você.

—Entre de roupa – retrucou ele.

—Mas não...

Mas ela não conseguiu terminar a frase, Max a puxou pelos pés e ela caiu na água se debatendo, havia outro pequeno motivo para não querer entrar na água com Max.

Ela não sabia nadar!

Max deve ter se dado conta disso logo, pois rapidamente ela sentiu os braços dele em volta de seu corpo a trazendo de volta para a superfície.

—Está louco?! – Gritou ela agarrada ao pescoço dele.

—Desculpe – disse ele rindo sonoramente – Eu deveria ter presumido que você não sabia nadar.

—Nunca me ensinaram – respondeu Lis.

Ela se deu conta de quão próximos estavam, seus corpos estavam colados, ele está nu da cintura pra cima e como seu vestido estava todo molhado ela conseguia senti-lo totalmente, suas bocas estavam separadas

apenas por poucos centímetros.

—Posso lhe ensinar se quiser. – disse Max.

Lis apenas assentiu, não conseguir parar de encarar a boca dele e pensar em como seria a sensação de beijá-lo.

—Tudo bem, mas por hoje é melhor irmos embora, já está ficando tarde.

Ele nadou levando-a até a margem.

—Vá se secando – instruiu ele –Eu ainda preciso ficar um pouco mais na água.

VI

Max

— Sabe de uma coisa, acho que você me persegue – disse Max assustando Lis que olhava distraidamente para o fluxo da água do rio.

Na verdade, na maior parte do tempo era ele quem a perseguia. Depois do episódio na cachoeira eles haviam se tornados muito próximos e se viam quase todos os dias, isso porque Max estava sempre à espreita quando ela saía para passear com Bobo ou ele inventava alguma coisa para resolver com Connor e aproveitava para tomar um maldito chá com ela. Eryn o evitava o máximo possível, quando não podia fazê-lo o tratava-o indiferentemente e Max dava graças aos céus por isso, assim tinha praticamente todo o tempo livre de Lis. Hoje ela tinha saído um pouco mais cedo que o habitual fazendo com que Max tivesse que a procurar, encontrando-a no rio.

—Olá Max. – disse Lis sem tirar os olhos da água.

Ele foi até onde ela estava sentando-se ao seu lado.

— Há alguma coisa Lis? – Perguntou Max.

Ela se virou para encará-lo, e ele pode perceber que seus olhos estavam marejados, uma ruga na testa denunciava alguma preocupação.

— Sabes que eu o aprecio muito não é Max? Você é um dos meus poucos amigos.

“Amigos, claro” pensou ele.

— Eu também a aprecio muito Lis.

—Pois bem, tem algo sobre mim que não sabe, porém antes que eu te diga quero que me prometas que não irá ficar com raiva de mim ou mudar comigo, quero que continuemos amigos.

“Amigos, claro” pensou ele novamente. Ele assentiu com a cabeça e Lis continuou.

—Eu não sou uma sobrinha distante de tia Marie, sou na verdade uma

PERIGOSAS

sobrinha bem próxima pois sou filha do irmão dela, o rei da Inglaterra.

Isso não era nenhuma novidade para ele, desde o primeiro dia dela na Escócia ele ficara sabendo de sua verdadeira identidade, porém ele adorava mexer com os nervos dela e ia fazer-se de desentendido.

— O quê?! Como assim você é a princesa da Inglaterra?

— Não posso mudar quem eu sou Max, sim sou a princesa da Inglaterra.

—E só por que depois de todo esse tempo está me contando isso?

—A culpa estava me corroendo por dentro, você é sempre tão bom comigo e faz tanto por mim.

—Acho melhor nós afastarmos – disse Max se levantando e indo até o seu cavalo - Acho que não é direito um pobre homem escocês como eu estar andando com realeza a inglesa.

O peso daquelas palavras acertou a mente de Max em cheio.

Lis correu até ele e o aprisionou em um abraço apertado.

—Oh não Max, não faça isso, por favor, você é uma das minhas poucas alegrias.

O doce aroma dos cabelos de Lis invadiram suas narinas e ele inspirou um pouco mais fundo para sorver o máximo daquele cheiro divino. Naquele momento com ela estava em seus braços, era como se tudo desaparecesse, não havia fronteiras ou títulos que o impedissem de amá-la.

Sim de amá-la.

Que Deus o ajudasse ele estava apaixonado por a Princesa Lis da Inglaterra.

Assim como quase toda manhã, Max e Lis saíram para caminhar. Ele tentava mostrar a ela tudo que a região tinha a oferecer e a cada nova descoberta ela ficava maravilhada, mesmo que fosse uma pequena planta que não existisse na Inglaterra, seus olhos já começavam a brilhar.

— Quero que conheça minha casa – anunciou Max – Minha família vai adorar te conhecer.

— E eu a eles, você disse algo sobre mim? – perguntou Lis.

— Não, lógico que não.

Ele na verdade havia dito a Alair durante o caminho para os Jogos, queria uma ajuda para entender a inquietação no peito que sentia quando pensava nela e resolveu pedir um conselho a ele. Seu amigo deu uma alta gargalhada.

—Maxwell Sinclair, penso que você está apaixonado.

—Acho que não, é só que ela tem uma beleza tão diferente das mulheres que já em vi em minha vida, além do mais creio que um romance entre nós está proibido já que ela é filha do rei da Ingla...

—O quê?!

—Droga! Alair me escute, não pode falar isso pra ninguém

— Está apaixonado pela princesa da Inglaterra? – Alair deu uma longa risada e continuou – Pois bem, é melhor para você esquecê-la, é mesmo um amor impossível.

Max não queria ocupar seus pensamentos com isso agora, havia muitas coisas acontecendo, o roubo do gado, o casamento de sua irmã que se aproximava e uma preocupação nova não seria bem vinda. Ele estava apenas aproveitando o que o presente tinha a lhe oferecer, a amizade de Lis, mesmo que preferisse outra coisa, no momento era suficiente.

— Venha vamos cavalgar comigo até minha casa.

Lis subiu no cavalo e depois ele ficando por trás dela e rapidamente Max se arrependeu. Eles já haviam cavalgado juntos antes, porém ela havia ido atrás dele. Nessa posição ele conseguia sentir com as curvas do corpo dela se encaixavam perfeitamente no seu corpo, o cheiro que vinha do cabelo dela era inebriante, um delicioso aroma de flores dos campos misturado com seu perfume de mulher fez com o membro de Max reagisse. Ele então incitou seu cavalo a correr muito rápido, para tentar disfarçar o seu “problema”.

Quando eles chegaram o almoço estava começando a ser servido.

Todos já estavam à mesa, seu pai encabeçando-a com sua mãe à esquerda, o assento do lado direito estava vazio que era justamente o dele.

— Maxwell meu querido chegou na hora certa – disse Anabel, mãe dele se levantando e indo até eles – Quem é essa linda moça?

Lis, como sempre muito educada fez uma reverência.

—Me chamo Lis senhora Sinclair, sou sobrinha da senhora MacKay, é um prazer conhecê-la e obrigado por me receber.

Sua mãe não perdeu tempo e já puxou Lis para sentar-se com eles a mesa.

—O prazer é todo nosso querida, venha sente-se conosco, venha almoçar. – e colocou-a sentada no lugar de Max – Olhe como é linda a moça Ronald.

Lis levantou-se do assento e fez uma reverência para ele também.

—Senhor Sinclair é um prazer conhecê-lo.

Max foi em direção a mesa para se sentar ao lado de Lis, mas sua irmã apareceu do nada e tomou o lugar que ele ia, fazendo-o sentar ao lado da irmã.

— Por que não me avisaram que tínhamos convidados? – disse Monroe para os pais e virou-se para Lis – Olá, eu sou a irmã de Max, ele falou-me a seu respeito, é um prazer finalmente conhecê-la.

— O prazer é meu, também já ouvi falar muito a seu respeito, é tão linda quanto a pintaram.

Eles então começaram uma conversação enquanto os pratos eram servidos, apesar da conversa ser superficial, Lis era uma boa ouvinte e também uma boa oradora. Max sabia que ela não era muito falante, e vendo-a assim, tão participativa o fez deduzir que ela estava totalmente a vontade no ambiente dele.

Quando o almoço terminou, ele queria levar Lis para a biblioteca, mas sua irmã não deixou e a carregou para o quarto dela, obrigando Max a procurar outra ocupação para ele naquela tarde, resolveu ir até os estábulos ajudar no trato dos animais ali haveria trabalho suficiente.

Quando finalmente terminou resolveu tomar um banho, pois estava cheirando como um cavalo velho, e depois ir até o quarto de Monroe e levar Lis para casa, pois já estava perto do por do sol. Já estava bem limpo quando subia as escadas rumo ao quarto da irmã quando ouviu sua mãe lhe chamar.

—Maxwell venha aqui.

Ela estava sentada nas poltronas perto da grande lareira do salão, sua mãe era uma linda mulher, envelhecera bem e não parecia ter a idade que tinha. Hoje tinha os cabelos loiros soltos, o que a fazia ainda mais jovem, e os olhos azuis que tinha herdado dela, o encaravam repreendendo-o, foi então que ele reparou que ela tinha uma escova de cabelo nas mãos. Max revirou os olhos e foi até ela sentando no chão de costas para a mãe.

—A senhora sabe que eu não sou mais criança não é mesmo?

Ele ouviu a doce risada da mãe, e ela começou o trabalho de desembaraçar o cabelo dele. Primeiramente separava as mechas e passava os dedos por entre eles e depois escovava.

—Bem que eu queria que tu e Monroe ainda fossem pequenos, vocês eram verdadeiros anjos, agora você anda por aí com esse cabelo desgrehado fazendo-me passar vergonha na frente das visitas.

Max teve de rir, seu cabelo era um pouco cacheado e ficava realmente desgrehado com facilidade, era muito comum aos homens escoceses deixar o cabelo comprido, porém ele nunca gostou dessa tradição e estava sempre com o comprimento do cabelo na altura dos ombros.

—Falando em visitas – continuou Ana – Conte-me mais sobre a senhorita Lis, vocês são muito amigos, sim?

Max já havia relatado sobre o dia em que encontrou com Lis a primeira vez, e que eles já tinham se encontrado algumas vezes, sua pequena família era muito unida e todos se conheciam muito bem e era impossível esconder algum fato por muito tempo.

—Sim nós somos, eu ando mostrando a ela um pouco nosso país e do nosso modo de viver.

—Sei que criei um homem respeitoso Maxwell, conheço tua índole e sei que jamais faria qualquer coisa para manchar a reputação da moça, mas não acha que essa amizade de vocês pode dar asas a imaginação de algumas pessoas?

—Poucos são os que sabem da nossa relação, ela veio até a Escócia para aprender sobre a nossa terra e viver novas experiências, mas parece que os MacKay vivem cada um em seu mundo particular e não se interessam em dar a Lis o que veio buscar aqui.

Sua mãe terminou de desembaraçar o seu cabelo e o prendeu para trás.

—Terminei, por favor, o mantenha assim está bem? E em relação a sua amizade, sei que vai fazer o que é certo.

Ele se despediu dela e foi para o quarto da irmã com as palavras de sua mãe ecoando na mente, realmente era melhor tomar mais cuidado, e ter um pouco de distância dela, mas só de pensar nisso seu coração já se afundava.

— Entre. – gritou a irmã quando ele lhe bateu a porta.

Quando o fez levou um susto. Lis fazia um elaborado penteado no alto da cabeça de Monroe.

— O que acha Max? – perguntou a irmã - Essa é ultima moda em Londres.

Ele deu uma sonora gargalhada.

— As Londrinas gostam de usar guaxinins na cabeça? Pois é isso que parece. – disse ele rindo ainda mais.

Ela atirou a escova de cabelo que segurava nele que rapidamente se esquivou.

— Deixem essas besteiras femininas pra depois, preciso levar Lis para casa.

As duas se olharam e deram risadinhas.

— Irei dormir aqui essa noite Max, já enviei um mensageiro para minha tia avisando.

E assim foram-se muitas noites, Lis e Monroe viviam tão grudadas, que pareciam se conhecer a muitos anos, e sua presença era constante na casa de Max.

O que ele adorava.

Não precisava inventar situações para estar junto a ela, bastava procurar por aí e a encontrava. É lógico na maioria das vezes estava acompanhada de Monroe ou de sua mãe e até mesmo de seu pai e ele sentia falta de estar a sós com ela. Algumas vezes ele conseguia arrumar algum tempo com ela, quando a encontrava sozinha, assim como ela estava agora. Ela estava saindo do quarto de Monroe em direção ao salão e não reparou na presença dele, então Max resolveu lhe pregar um susto. Indo atrás dela sem fazer barulhos ele a agarrou e a jogou sobre os ombros.

—Max! – Gritou

—Xi – disse ele correndo com ela até a biblioteca – assim vão achar que estou te matando.

Quando entraram no cômodo ele a levou a um canto mais afastado, por trás de uma estante.

—Você está praticamente morando em minha casa e eu a vejo menos do que via quando estava na casa de sua tia, agora você só vive grudada a Monroe – disse ele revirando os olhos.

Lis deu uma risada e respondeu:

—Isso porque aprecio mais a companhia dela do que a sua – disse ela rindo e Max sabia que ele não estava falando todo sério – Tenho mais coisas em comum com ele do que tenho contigo.

—Tudo bem então, deixarei você fazer um penteado em meus cabelos se isso fará que passemos mais tempo juntos.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se de costas para ela com o encosto da cadeira em seu peito. Lis riu ainda mais alto e desatou faixa de tecido que prendia os cabelos dele e começou a desfazer os nós passando os dedos por

entre as mechas.

—Como quer o seu cabelo? – disse ela com a voz divertida.

—O que me sugere? – falou Max com a voz acentuada para o feminino.

—Irei me aproveitar de seus cachos e irei fazer um belo penteado à francesa.

Eles estavam bem próximos, mesmo sentado ele ficava quase na altura dela, Lis era bem pequena. Nesse posição ele conseguia sentir os seios dela sob o tecido do vestido de vez em quando roçando em suas costas, ela veio para frente dele arrumar as mechas da frente e seus rostos ficaram bem próximos.

—Está lindo – disse ela quase num sussurro.

Ele apenas assentiu, a tensão no ar era perceptível, suas bocas apontavam uma para outra e ele desejava mais que tudo beijá-la, mas ele não estava certo se ela iria gostar disso. Em resposta aos seus pensamentos Lis fechou os olhos e ofereceu seus lábios para ele, Max se levantou e puxou-a pela cintura fazendo seus corpos se unirem, pegou o rosto dela nas mãos e foi indo em direção...

—Hei Lis – disse Monroe entrando na biblioteca e fazendo ambos darem um pulo e se afastaram um do outro. – Você está aqui?

—Se abaixe – sussurrou Max para Lis e ela obedeceu – Monroe.

Ele saiu detrás da estante de livros e encontrou a irmã.

—Sabe onde Lis está?

—Eu a vi lá embaixo na horta – respondeu Max indo até ela – Vamos eu preciso conversar com ela também.

E saíram de lá rapidamente antes que a Monroe pudesse se dar conta do que estava acontecendo.

Todos já estavam acomodados a mesa de jantar, na disposição de costume, exceto pela ausência das garotas. Uma cadeira a mais já tinha sido colocado na mesa, Lis já era praticamente uma deles agora.

Havia se passado um mês desde que ela conheceria sua família, e já tinha dormido praticamente todas as noites no quarto com Monroe. Todos ao seu redor já amavam, inclusive os pais de Max, esses talvez um pouco mais do que outros, sua mãe mandara que fizessem roupas para Lis, para que ela se sentisse mais a vontade do que já estava. Os vestidos eram simples, muito diferentes das sedas brancas que ela usava normalmente, os cabelos viviam soltos ou trançados despreocupadamente ao contrário de seus antigos coques simétricos.

Depois daquele na biblioteca ele e Lis não voltaram a ficar juntos sozinhos, a tensão entre ambos era difícil de disfarçar, e Max achou melhor assim, precisava de um pouco de tempo para descobrir o que era aquilo tudo, principalmente agora que sabia que ela também o queria.

—Meu querido, vá ao quarto de Monroe e diga que o jantar vai ser servido agora. – pediu sua mãe tirando o de seus devaneios.

Ele foi até o quarto para chamá-las, e quando chegou ao corredor viu que a porta estava entre aberta, foi e aproximando devagar para pegá-las num susto quando ouviu um pouco da conversa das duas.

— Deverias dar um fim nisso Monroe – disse Lis – Você pelo menos tem a opção de fazê-lo, eu, no entanto estou noiva desde a infância e quando o inverno chegar ao fim devo casar-me de qualquer forma.

Aquelas palavras despedaçaram o coração de Max.

Maldita inglesa dava-lhe esperanças e encantos enquanto estava noiva de outro maldito inglês. Ele desceu rapidamente e correu para os estábulos ignorando os chamados de sua mãe. Montou no seu cavalo e cavalgou em direção a uma taberna que existia ali perto, tinha que tirar aquela mulher do coração.

VII

Lis

—Se eu pudesse ter escolhido, teria pedido a Deus que você fosse minha irmã. – disse Lis a Monroe.

—Oh minha querida Lis eu também – disse Monroe indo até ela e a abraçando – Será que o rei não gostaria de ter um filho homem? Assim poderíamos enviar Max e você viveria aqui para sempre.

Naturalmente ela já havia dito a verdade sobre a sua identidade a Monroe. Ela estava sendo mais que uma amiga, realmente estava sendo como Lis pensava que uma irmã deveria ser, elas passavam o dia e a noite juntas quando podiam. De vez em quando sua tia exigia que ela voltasse pra casa o que fazia com pesar, pois Monroe não podia ir dormir com ela na casa da tia já que era noivo de seu primo Brod, e o decoro não permitia que ela o fizesse.

—Que mal fez o meu o pai para desejar-lhe Max como filho? – disse Lis e as duas caíram na gargalhada.

Alguém bateu a porta e uma criada entregou um embrulho com uma carta para Monroe.

— Veio dos MacKay senhorita.

Monroe agradeceu e simplesmente jogou o presente na cama e não abriu, pegou a carta e lançou nas brasas da lareira que rapidamente pegou fogo.

—Jogas fora sem nem ao menos ler? – perguntou Lis.

— Não é preciso ler pra saber o que continha ali, um poema feito pelo trovador dos MacKay exaltando a minha beleza, no final com uma letra bem floreada um “*Com amor, Brod*”, e aposto minha vida que quem escreveu foi Marie.

Lis ficou um pouco confusa, elas nunca haviam tocado no assunto do noivado de Monroe com seu primo Brod, mas sempre presumiu que se gostavam, ao menos foi o que Eryn havia lhe contado.

—Achei que você amasse ao seu noivo, todos falam com carinho de você na casa de minha tia.

— Eu também achava que o amava, aceitei seu pedido de casamento e deixei escapar o homem que me amava de verdade.

Lis correu até ela e se jogou em seus pés.

— Tens um amor secreto? Por favor me conte.

—Não posso você é prima de Brod – disse ela fazendo Lis se levantar - Além de que não tem mais importância, Alair irá casar-se com outra.

— Alair, o amigo de Max?! Oh por favor, Monroe me conte, sabes que não falarei nada.

—Tudo bem, mas não conte nada a ninguém nunca Lis. Max, Alair e Brod sempre foram melhores amigos desde criança, e estavam sempre juntos, fosse às lições de línguas ou de espada. Alair se compadecia de mim por ser a única garota do castelo e de vez em quando fugia dos garotos para brincar comigo, foi ele que me ensinou a nadar, cavalgar e beijar...

—Oh meu Deus já o beijaste?!

— Xi, fale baixo e sim já nos beijamos, diversas vezes, não sei se realmente chegamos a namorar, mas sei que nos gostávamos muito até que Brod começou a se aproximar de mim, eu tinha por volta dos quinze anos. Enchia-me de presentes e galanteios e eu como uma adolescente boba comecei a me deslumbrar, Alair não tem muitas posses e houve um afastamento dos dois lados, da minha parte por estar encantada com Brod e da dele por se achar inferior.

— E você acha que Brod não a ama não é mesmo, e nem você o ama?

— Não, com ele eram apenas presentes e elogios, elogios e presentes, não era como Alair que gostava de ficar comigo, me apoiava, me amava. Passam-se meses sem que eu nem ao menos veja Brod, mas isso – disse ela pegando o embrulho – Chega toda semana um diferente.

— Deverias dar um fim nisso Monroe – disse Lis – Você pelo menos tem a opção de fazê-lo, eu, no entanto estou noiva desde a infância e quando o inverno chegar ao fim devo casar-me de qualquer forma.

O som de passos no corredor chamou a atenção das duas e elas perceberam que a porta estava um pouco aberta, as duas se olharam e correram para ver quem era, mas não encontraram ninguém.

—Deve ter sido um cachorro ou até mesmo o vento – disse Lis

Então Monroe puxou Lis pelo braço de volta ao quarto e o trancou com a chave.

—Como assim você tem um noivo, porque nunca me disse? – indagou Monroe claramente chateada.

— Me desculpe, é que aqui na Escócia me sinto tão feliz, me sinto leve, aqui eu não preciso ser a polida princesa Lis, eu sou apenas Lis. Eu procuro esquecer tudo que se relaciona a Inglaterra e tento viver o hoje porque sei que quando retornar à Inglaterra... – e correu para os braços de Monroe – Tenho tanto medo do futuro Monroe.

—Tenha calma Lis. – disse Monroe retribuindo o abraço.

— Antes eu estava conformada, sabia que era o melhor para todos que

eu me casasse e Drago assumisse o trono, mas eu acho que... Eu acho que estou me apaixonando cada vez mais por Max e agora não sei mais o que fazer.

Quando uma das criadas foi chamá-las para a ceia, elas recusaram e disseram que dormiriam mais cedo. Como na maioria das noites as duas ficaram em uma mesma cama.

—O que você presa mais Lis, o amor de teu pai ou de Max?

—Que raio de pergunta é essa Monroe? E quem garante que Max me ama?

—Porque certa vez tive uma ideia para livrar-me de meu noivado, porém não funcionou, Alair não me amava ou pelo menos não o suficiente, mas tenho certeza que Max a ama, eu conheço o meu irmão e sei que funcionará, isso se não se importar de ter o seu nome na lama durante algum tempo.

Lia olhava para a amiga intrigada e fez sinal para que ela continuasse.

—Assim que me dei conta que não amava Brod, pedi a meu pai que desmanchasse o noivado, porém ele se negou, disse-me que tinha eu tinha assumido o compromisso e que eu deveria acabá-lo, então quando falei com ele, ele disse que era normal uma noiva ter dúvidas e que nosso casamento ainda continuaria marcado. Então tive um ideia, iria me entregar a Alair...

—Cristo Monroe! – disse Lis horrorizada.

—Fique tranqüila, como vê meu plano não deu certo, quando fui ao quarto de Alair à noite e tentei seduzi-lo ele disse que não trairia a confiança de meu pai assim, e quando confessei meu plano ele brigou comigo dizendo que eu estava o usando para acabar com um noivado infeliz.

—Mas isso seria um verdadeiro escândalo.

—É o preço que pagaria Lis, diria a teu pai que te entregaste ao um homem por livre e espontânea vontade, para evitar um ataque do rei a nós, e

assim ele não teria outra opção a não ser deserdá-la, e Max iria casar-te contigo, tanto pela obrigação como pelo amor.

—E quem garante que Max me ama? – perguntou Lis novamente.

—Você só irá saber se perguntar – respondeu ela, apagando a vela fazendo a escuridão tomar conta do quarto.

Naquela noite Lis mal pregou o olho, as palavras de Monroe não saiam de sua cabeça.

Ela sabia que aquilo era totalmente indecoroso e que nem ao menos deveria estar considerando, mas a possibilidade de um futuro sem coroa e sem Drago era tentador. Todos diziam que ela se parecia muito com sua mãe, a antiga rainha que falecera dando a luz a um filho natimorto, seu pai nunca voltara a se casar para tentar ter um filho varão a fim de seguir com a linhagem e herdar a coroa. Não porque amasse a rainha, ao contrário, ela nunca mais casou-se porque era incapaz de amar a quem quer fosse, inclusive a ela, Lis não queria acabar como a mãe, dentro de um casamento sem amor cumprindo uma mera obrigação, mas também não sabia se era capaz de suportar as consequências do ato que Monroe sugeria.

Além do mais tinha medo de ser rejeitada por Max.

“Você só irá saber se perguntar”

As palavras da amiga lhe vieram à cabeça, ela então se levantou e saiu correndo em direção ao quarto de Max, foi com a roupa de dormir mesmo, há essa hora não havia ninguém pelos corredores. Não tinha a resolução feita ainda, mas tirar essa dúvida de sua mente seria um primeiro passo para tomar a decisão.

Quando ia chegando perto a porta do quarto dele se abriu e saiu de lá uma mulher que passou por ela rapidamente, Max então apareceu na porta e arregalou os olhos quando a viu, ele trazia ao corpo somente o kilt.

— Majestade – disse ele colocando um sorriso irônico no rosto – Precisa de alguma coisa?

Lis não conseguia esboçar nenhuma reação.

—Se não quer nada, com sua licença, irei dormir um pouco já que,

bem passei a noite em claro.

Ele então fez uma reverência, entrou no quarto e fechou a porta enquanto Lis continuava paralisada no corredor.

VIII

Max

—Não quero saber de nada relacionado a ela Monroe, ela é noiva, nem ao menos deveria ter ficado comigo sozinha.

Já faziam mais de um mês que ele não via Lis. Ambas as partes se evitam, já não faziam caminhadas, ele não fora mais aos MacKay e nem ela retornara a casa dele. Depois que Max ficara sabendo da pior maneira, sobre o noivado de Lis, se dera conta do quão tolo estava sendo alimentando uma

ilusão de que poderia ficar com Lis em um futuro próximo. Desde a chegada dela ele soube que ela era uma princesa, mas estava tão encantado com ela que não conseguiu se dar conta de sua insignificância diante de tudo que Lis era e representava.

— Tenho certeza que ela está apaixonada por você. — disse Monroe.

Além dele, quem mais estava sofrendo com isso era sua irmã, ela estava tão acostumada com a presença de Lis quanto ele. Sempre que podia ela ia visitá-la, mas tinham que ser visitas muito planejadas, procurava ir em um hora que ela sabia que o noivo não estaria em casa, porém as vezes não podia evitá-lo e tinha que trocar a compainha da amiga por a de Brod. Isso estava dificultando o plano dela de fazê-lo perder o interesse.

—Ela confessou-te isso? — perguntou Max com uma ponta de esperança.

—Não, mas até mesmo um cego veria, não vê como ela ficou magoada ao ver aquela mulher saindo do teu quarto.

O.K. Max admitia que isso tinha sido erro grave da parte dele, não que tivesse sido realmente errado, ele era um homem solteiro e tinha o direito de se deitar com a mulher que estivesse disposta a ter com ele, porém se arrependeu por usar uma mulher para apagar o fogo que outra lhe aticava. O que foi por água abaixo já que o seu desejo por Lis apenas aumentara com o passar do tempo. Estava sempre a devanear sobre ela, sua pele macia, seus lindos cachos negros e os olhos! Ele achava possível se perder dentre aquelas esmeraldas.

—Mas isso agora não importa, ela é uma princesa, irá se casar e se tornar rainha, demorei tempo demais para me dar conta disso.

—Você a ama? — Perguntou a irmã.

— Isso também não importa — disse Max baixando a cabeça.

—É claro que importa Max, mande ao inferno o noivo e o pai de Lis, se vocês se amam devem ficar juntos, você deve lutar por ela.

—Alair irá pedir a mão de Laren hoje à noite — anunciou Max — Irá fazer alguma coisa a respeito?

Ele sabia de toda a história de sua irmã e do seu melhor amigo e sempre o preferiu a Brod, apesar de estimá-lo muito também. Sabia que Alair ainda amava Monroe, mas ela o tinha ferido suficiente para que ele empurrasse esse amor para as profundezas de seu coração e desse um pouco de espaço para um novo.

— É diferente Max – respondeu Monroe – Eu tive minha chance, conheci o verdadeiro amor e o troquei por jóias e palavras e bonitas, mas você ainda tem chance, não cometa o mesmo erro que eu.

—Mesmo que nosso amor seja mútuo como eu irei bater de frente com o rei da Inglaterra? Não posso chegar para ele e dizer que irei casar-me com a única herdeira que ele tem e trazê-la para Escócia.

O clã Sinclair era pequeno, as antigas gerações sofreram muito com ataques e más administrações e o número de pessoas foi reduzido drasticamente, apenas na geração de Ronald que o feudo voltou a prosperar. Seu pai procurava manter a paz com todos, pois se eles precisassem investir contra um feudo vizinho iriam sofrer graves danos, quem dirá irritar a coroa Inglesa.

—Se realmente há amor então há de ter um jeito Max e vocês irão descobri-lo, mas antes tem que pedir desculpas a Lis, seu comportamento foi lamentável.

— Isso não irá acontecer, pois não fiz nada de errado, sou um homem livre ao contrário dela. – e saiu em direção ao portão.

—Aonde pensa vai, não vê que irá chover forte. – gritou Monroe

Mas ele não lhe deu atenção e partiu para buscar seu cavalo. Cavalgadas sempre eram bem vindas para ajudar a clarear a mente, selou seu garanhão e saiu correndo do jeito gostava, sentindo o vento no rosto. Ele estava apenas deixando o animal guiá-lo para onde quisesse e percebeu o levava em direção do rio, Max evitava aquele lugar ao máximo, os momentos que tinha passado com Lis a margem dele o assombravam.

Já ia chegando perto do rio quando de repente um raio riscou o céu e logo em seguida ouviu reverberar de um trovão.

“*Droga*” pensou ele. Monroe estava certo ele não devia ter saído de

casa, quando estava dando meia volta um vulto branco chamou sua atenção e ele foi verificar.

—Lis, o que faz aqui? – perguntou ele fazendo-a dar um pulo - Não vê que o céu irá cair sobre nossas cabeças?!

Ela apenas lhe deu um olhar zangado e seguiu pisando duro com Bobo aos seus pés. Algumas gotas já começavam a cair e os clarões do céu se intensificavam, ele desmontou do cavalo e correu até Lis.

—Hei estou falando com você – disse Max a puxando pelos ombros para ficarem um de frente ao outro – É perigoso ficar aqui.

—Ah então agora se preocupa comigo, pois saiba que quero que fique longe de mim Maxwell Sinclair, não passa de um mulherengo.

—E por que isso a incomoda tanto? Qual o problema que me deite com outra mulher? Sou uma pessoa solteira, mas não posso dizer o mesmo de você.

Nesse momento algumas gotas de chuva começaram a cair.

—Não, não pode. Mas saiba que isso não foi uma escolha minha.

—Mas foi uma escolha sua me manter no escuro, não me contar a verdade e deixar-me levar por seus encantos.

Max notou que o peso de suas palavras atingiram Lis, ela abriu a boca para responder e depois fechou sem dizer nada.

—É isso, pronto falei. Apaixonei-me pela maldita princesa da maldita Inglaterra.

—Não pedi que o fizesse Max. – respondeu Lis ainda olhando para os pés.

—E como eu poderia não fazê-lo – disse Max indo até ela e erguendo o rosto de Lis até que seus olhares se encontrassem. – Me diga como se evita uma coisa dessas?

A chuva caía agora com mais intensidade, algumas gota escorriam por o rosto de Lis, porém os olhos dela estavam marejados e ele não conseguia distinguir o que era chuva ou lágrimas.

—Sabe o que acontece entre um homem e uma mulher na cama?

Ela assentiu com a cabeça.

—Jane me contou – disse ela com a respiração pesada.

—Pois bem, naquela noite estava com muita raiva de ti, só queria poder lhe arrancar dos meus pensamentos e pensei que outra mulher seria o ideal, doce engano – disse Max rindo – Enquanto a beijava eu só conseguia pensar que ela não tinha os lábios tão macios quanto os teus, mas como eu poderia saber disso se nem ao menos me beijaste? Quando estava sobre ela, era só você que vinha minha mente e ao atingir meu êxtase foi o teu nome que gritei, queria que fosse você no lugar dela, queria te fazer minha.

—Max...

A chuva começou a se intensificar e já era impossível ficar desprotegido, Max retirou o seu tartan e ofereceu a Lis.

—Venha comigo.

Ele a levou até uma caverna que havia próximo de onde estavam. Lis rapidamente correu até o fundo se enrolando no tartan de Max, ele foi até ela sentando-se ao seu lado.

— Eu não quero me casar Max, eu odeio Drago, odeio a corte e todos que vivem nela. Eu suportava tudo antes porque aquilo era tudo que eu conhecia e estava acostumada, mas agora depois de vim para este lugar, de encontrar-me com Monroe e com você – Bobo deu um latido pra chamar a atenção dela – com você também meu amor, eu não sei se posso aguentar...

E quando se deu conta seus lábios cobriam o dela, somente os lábios se tocavam, uma singela carícia, porém cheia de significado. Sua boca era um paraíso, bem mais macia do que ele imaginara, separou-se dela por um instante e olhou bem fundo em seus olhos de esmeralda.

—Lis preciso beijar-te.

—E não o acabaste de fazer?– disse ela em meio a um sorriso.

— Se pensas que isso foi um beijo – disse ele balançando a cabeça em desdém e se aproximando dela – Deixe-me mostrá-la como um highlander beija a sua amada.

Quando ela assentiu com a cabeça, Max novamente posou sua boca na de Lis, primeiro os lábios, bem devagar, apenas aproveitando a sensação daqueles lábios macios e quentes, mas logo ele invadiu a boca dela para um verdadeiro beijo. Ele que estava sentado ao lado dela, puxou-a para seu colo abraçando-a e mantendo-a junto a ele, além de boca agora ele também dominava todo o corpo de Lis.

Em alguns momentos ele separava-se da boca dela e a beijava no pescoço, atrás da orelha, mas logo voltava à boca.

—Max – sussurrou Lis.

—Diga princesa.

— Eu te amo Max, me faça sua.

—Lis, você já é minha, mas não iremos consumir isso agora, não nesse lugar.

—Eu quero isso Max, por favor.

Max deu um suspiro e encostou a testa na dela. Se lembrava no dia em que a vira pela primeira vez no baile e como desejou tê-la em seus braços como ela estava agora, porém seu pai havia criado um homem e não um moleque que pensa com o membro ao invés da cabeça. Monroe estava certa, Lis o amava, ela acabara de admitir, e quando duas almas se amam fazem de tudo para ficar juntas, mas ele iria fazer da maneira certa.

—Te amo minha Lily, te quero mais do que já quis a qualquer outra mulher em minha vida, mas, por favor, vamos com calma está bem? Acaso quer que sua primeira vez seja nessa caverna?

Ela assentiu com a cabeça.

—Sim quero.

Max teve que rir.

—Lis se realmente vamos fazer isso acontecer temos uma grande batalha pela frente.

—Eu sei. – disse ela o abraçando mais forte.

—Então vamos fazer tudo conforme a lei, não devemos começar

errando já de imediato.

—Será que iremos conseguir? – perguntou Lis.

Max puxou-a para um beijo apaixonado.

—Nada impedirá o nosso amor, pode passar o tempo que passar, mas nós iremos ficar juntos.

IX

Lis

Lis voltava da sua caminhada matinal junto com Bobo.

Max não estava junto a ela naquele dia, ele precisou fazer uma viagem e a falta da compainha dele talvez a tenha feito prestar mais atenção nos detalhes ao seu redor, as frutas já eram escassas e as primeiras folhas das árvores começavam a cair.

Já era final de novembro, o inverno se aproximava cada vez mais, assim como o seu casamento!

Nas últimas semanas ficara tão perdida em Max que esquecera completamente do mundo. Lis voltou a sua antiga rotina na casa dos Sinclair, dormia lá quase toda a noite e passava todos os dias lá, porém dessa vez sua atenção estava bem mais voltada à Max, passavam o máximo de tempo que podiam juntos desfrutando da compainha um do outro e claro dos beijos também.

Tratou de voltar o mais rápido possível para a fortaleza Sinclair, que agora já considerava seu verdadeiro lar, planejava escrever para seu pai expressando o desejo de não casar-se com Drago, mas precisaria dosar cada palavra, pois isso geraria grandes conseqüências. Queria fazer isso ao lado de Max, porém ele via as coisas de um modo diferente do dela, ele achava que as coisas eram fáceis resolver, ele tinha uma visão muito limitada da vida.

—Monroe – chamou ela assim que entrou no quarto que elas praticamente dividiam – Precisa me ajudar, já se deu conta de se aproxima o dia do meu casamento?

—O que pensa em fazer? – disse a cunhada largando o bordado que fazia – Irá seguir o conselho que te dei?

—Não, Max não quer que façamos as coisas desse jeito, ele acredita que temos que fazer as coisas do jeito certo, pela lei. Meu plano é mandar uma carta para meu pai, pensei bem e quero dizer que primeiramente quero adiar o casamento, essa decisão afeta bem mais pessoas que a mim, Max e Drago, afeta um país inteiro, por isso tenho que ir com calma.

—E se ele não concordar? – perguntou Monroe.

Mas Lis não tinha resposta.

Max chegaria naquele dia da sua viagem, e Lis pediu a Monroe que no exato momento em que ele chegasse desse a ele um recado, que ele fosse encontrar com ela nos jardins na casa de sua tia. Hoje especificamente os MacKay teriam uma recepção para dar e Mary exigiu que Lis comparecesse.

Já se passara quinze dias desde que enviara ao pai a carta pedindo que adiasse o casamento e até agora não ficara sabendo de notícias dele.

Ela foi até o canto mais afastado do jardim da tia onde sabia que Max estaria, cheio de beijos para lhe dar. Quando chegou lá, como o esperado ele estava lá, lindo como sempre e trazia um ramo de flores, lírios brancos, nas mãos, ela praticamente correu até ele o abraçou.

—Senti sua falta também Lily – disse ele retribuindo o abraço – Acho que irei viajar mais para ser recepcionado assim mais vezes.

—Não diga besteira Max, quero ficar o máximo de tempo contigo, preciso disso.

— Acho que posso fazer esse sacrifício por você – disse ele rindo – Enquanto me quiser por perto eu ficarei junto a ti.

— Eu te amo Max – e o puxou para um beijo apaixonado.

Quando a boca de Max fez contato com a sua, todos os problemas desapareceram, ela o beijava com voracidade, tentando apagar tudo o que estava acontecendo. Ele deve ter percebido que havia alguma coisa errada, pois interrompeu e a encarou.

—O que há de errado Lily?

— Precisamos ter uma conversa séria, mas não aqui, darei um jeito de dormir em tua casa para podermos ter privacidade, minha tia está desconfiada anda perguntando demais.

—Por favor, Lis me conte o que está acontecendo senão não irei conseguir dormir a noite.

Ele o abraçou bem apertado e inalou o seu cheiro fortemente, queria memorizar o aroma dele.

—Não é nada tão grave que não possa esperar até amanhã, prometo que assim que o dia amanhecer partirei rumo à tua casa, então me espere.

—Certo, vamos nos encontrar no nosso local de sempre, perto do rio.

—Ok – respondeu ela – Mas, por favor, me de outro beijo, não aguento mais ficar longe de ti.

Naquela noite, depois de Max ir embora, Lis não pode dormir um aperto forte no peito a impediu, tentava dizer a si mesmo que era apenas a ansiedade, mas uma vozinha na sua cabeça gritava que algo estava errado, quando se deu conta o dia já tinha amanhecido. Resolveu se vestir logo e ir ao encontro de Max e tentar junto a ele chegar a uma conclusão de como seriam seus próximos passos a partir dali.

A porta de seu quarto então se abriu de repente e sua prima Eryn entrou por ela.

—Bom dia Lis – disse ela calmamente indo até a cabeceira da cama – Que lindas flores, não temos lírios por aqui, onde arranjou esses?

Lis notou que Eryn estava um tanto estranha, até mesmo para os parâmetros dela então resolveu tomar cuidado com as palavras.

—No bosque...

—Ora deixe de mentiras – cortou ela – Eu vi você e Max ontem.

—Eryn...

—Cale a boca – gritou ela jogando os lírios em Lis – Todo esse tempo você estava com ele, você sabe que eu o amo e o quanto desejo casar-me com ele e se joga em cima dele como uma meretriz.

—Não é nada disso – respondeu Lis elevando um pouco a voz, mas não a ponto de gritar como Eryn – Eu o amo e ele a mim, não como é contigo que é um amor unilateral, nosso amor é real e iremos ficar juntos.

Eryn deu uma sonora gargalhada.

—Você é noiva, ele sabe disso, sabe que está na praticamente na hora de você subir ao altar?

—Sabe sim e já estamos cuidando disso, não irei me casar com

Drago, irei ficar na Escócia e me unir a Max.

Eryn riu mais ainda.

—Pelo visto não há com que me preocupar, realmente você está muito iludida, meu tio nunca concordará com isso, e quando você estiver bem longe e casada os olhos de Max irão se voltar pra mim novamente – e saiu do quarto batendo a porta e deixando Lis atônita.

“Cristo me ajude” Pensou Lis

Não demoraria para Eryn contar a tia e aí sim ela estaria perdida, Mary não hesitaria em mandá-la imediatamente de volta para a Inglaterra. Tratou logo de ir embora para encontrar Max, ele saberia o que fazer dessa situação.

—Estamos perdidos – disse Lis assim que chegou ao lugar onde marcara anteriormente com Max – Eryn nos viu ontem, tenho certeza que contará a minha tia.

Max estava na beira do rio jogando pedras na água e assim que a viu correu para junto dela.

—Eu falarei com ela, a raiva dela é comigo e é injusto que ela derrame a ira dela sobre você.

Lis o abraçou forte, aconchegando-se em seu peito e inalando o seu doce aroma, ele cheirava como o paraíso.

—O que mais lhe aflige Lily? Sei que tem mais alguma coisa, acaso são notícias da Inglaterra?

—Bem sim – respondeu ela sentando-se na relva e ele a acompanhou –Você já se deu conta de quão perto está meu casamento, será daqui três meses!

—Eu tento não pensar sobre isso – respondeu ele.

—Também procuro não pensar, mas inevitavelmente veio-me a

cabeça enviei uma carta para meu pai pedindo que adiasse o casamento, porém não obtive nenhuma resposta, Max não sei mais o que fazer. – disse ela se aconchegando no colo dele.

—Lily basta dizer que quer ser minha e você será.

—Já lhe disse que quero Max.

—Você fala, mas eu não sinto convicção, a hesitação sempre está presente em seus olhos. Enviaste uma carta a teu pai pedindo para adiar o casamento e não para cancelá-lo.

—Não é hesitação é medo meu amor, você não tem noção do que é minha vida, o peso da coroa sobre meus ombros o dever de dar seguimento a linhagem real, eu estou assustada Max – disse ela se agarrando a ele.

—Vamos fazer o seguinte, iremos até meu pai e contaremos a verdade a ele, ele sim saberá bem o que fazer.

Lis concordou.

—É mesmo sensato pedir conselhos a uma pessoa mais experiente.

Max e Lis foram pra casa dele, porém seu pai não se encontrava então ele a levou para o quarto dele.

—O que pensa que está fazendo?– disse Lis quando percebeu para onde Max a conduzia – Se alguém nos pega...

—Eu irei trancar a porta, além do mais ninguém entra no meu quarto sem minha permissão, sabes o quão temível eu sou não é mesmo?

Lis revirou os olhos e sentou na cama enquanto ele cuidava da porta.

—Já trouxestes muitas garotas aqui? – perguntou ela timidamente.

Ele foi até a ela e a colocou no colo.

—Sobre isso eu não quero falar, o que realmente importa é que você esta aqui agora – respondeu ele e em seguida deu lhe um beijo na boca – E eu a amo demais e iremos ficar juntos, senti tanto sua falta.

Max então a deitou em sua cama e em seguida deitou-se ao lado dela colocando o lençol sobre eles.

—Meu amor nós iremos...

—Não! - cortou Max – Ainda não, sabe eu acho que você é uma senhorita muito pervertida – disse ele indo até o pescoço dela e dando uma leve mordida.

—Max... – disse quase num gemido.

—Não iremos fazer nada hoje, já lhe disse que quero fazer as coisas do jeito certo, porém posso lhe dar uma pequena prévia do que será nossa noite de núpcias.

Max então foi beijando e descendo por o pescoço dela até chegar aos seios e mesmo com a barreira das roupas Lis se arrepiava toda com as caricias dele. Ele então começou a abaixar o corpete do vestido dela e um protesto começou a sair da boca dela que logo foi substituído por um gemido de prazer quando a boca dele fez contato com um dos mamilos dela.

—Max...

—Sim? – disse ele com as mãos substituindo o trabalho da boca – O que quer?

—Continue, por favor.

Ela pode ouvir um leve riso e ele voltou sua boca para onde estava anteriormente, uma das mãos dele foi descendo e enfiou-se por debaixo da saia dela.

—Não seria melhor nos livrarmos das roupas? – perguntou Lis.

—Ainda não sua teimosa – disse ele e Lis sentiu a mão dele encontrando o sexo dela completamente molhado – Se eu ver seu corpo completamente nu será um caminho sem volta.

Os dedos dele começaram então a circular o clitóris dela e a boca em seus mamilos, o conjunto das caricias estava provocando um verdadeiro turbilhão dentro de Lis e ela gemia cada vez mais alto, levando a parar Max o que estava fazendo.

—Max! – protestou Lis.

—Se quiser que eu continue terá que fazer silêncio – respondeu ele e ela concordou com a cabeça.

Ele voltou o trabalho com a boca e os dedos e não demorou muito

PERIGOSAS

para que Lis atingisse o clímax, pouco antes de isso acontecer Max colocara a mão livre na boca dela para abafar o grito que saiu de sua boca.

—Linda – disse Mas se deitando ao lado dela – Essa foi a visão mais linda que tive em minha vida.

—Sua vez – disse ela levantando o kilt dele e encontrando o membro dele totalmente ereto – Sei que uma mulher pode agradar ao seu homem se outras maneiras que não seja consumando o ato – disse ela pegando o membro dele na mão fazendo-o arfar.

—E quem lhe ensinou isso?

—Jane – respondeu ela abocanhando-o e quase o fazendo gozar imediatamente.

—Deus abençoe Jane, vá mais devagar querida, ao contrário, não durarei muito.

Ela sabia algumas coisas na teoria, mas ainda assim era muito inexperiente, Max foi guiando-a, porém rapidamente ela pegou o jeito, quando estava perto de atingir o clímax ele pediu que ela parasse e viesse lhe dar um beijo, não queria derramar a sua semente na boca dela já que era a primeira vez que ela fazia e chegou ao clímax sozinho.

—Estou ansiosa por nossa noite de núpcias – disse ela em meio ao bocejo.

Ele a puxou para seu peito.

—Durma um pouco Lily, ainda temos o dia todo.

Já era noite quando finalmente saíram do quarto.

Lis estava tão extasiada, que mal conseguia andar, passaram o dia inteiro na cama, alternando entre fazer um ao outro chegar ao êxtase e pequenos cochilos, em algum momento Max descera por alguns momentos para buscar comida.

O jantar estava sendo servido e Ronald encabeçava a mesa como sempre, Max lhe dissera que depois da ceia falariam com ele, mas assim que se sentou Alair veio falar com ela.

—Senhorita Lis, o mensageiro de tua tia está no portão, ela pede que vá pra casa.

— Diga a ele que transmita a minha tia que irei passar o dia aqui.

—Senhorita, ele pede urgente sua presença, pois seu noivo acaba de chegar lá.

Lis sentiu o sangue sumir de sua face.

—D-Drago?

—Lis querida você está pálida – disse Ana indo até ela para ampará-la – Não sabia que você era noiva.

Lis não conseguia verbalizar nada, essa última notícia veio para arrebatá-la completamente. Ela sabia que o pai não iria aceitar facilmente um rompimento do noivado, e já esperava que ele enviasse alguém, mas Drago? Ele enviara o próprio Drago para falar com ela e isso ela não foi capaz de prever. Vários cenários passaram por sua cabeça, que ele veio para buscá-la ou até obrigá-la se casar hoje mesmo, porém afastou isso de sua mente, só poderia ter certeza quando falasse com ele, e deveria ir logo.

—Meu pai arrumou-me esse noivado quando era apenas uma criança – respondeu ela para Ana – Há algumas semanas escrevi para ele expressando meu desejo de sair desse compromisso, se me dão licença, acho que preciso ir ter com Drago.

—Eu a levo – se prontificou Max.

—É melhor não – disse Ronald – Se o rapaz a ver com outro pode pensar mal dela.

—Não a deixarei lá dentro, apenas irei com ela até chegarmos perto, não se preocupe.

Lis se despediu rapidamente das pessoas e seguiu Max rumo aos estábulos, ele estava com o semblante sombrio, selou seu cavalo e ajudou-a a subir posicionando-a na frente dele e partiram para a casa dos MacKay. Lis se

agarrou ao pescoço de Max, ela podia sentir como os músculos dele estavam rígidos e como o maxilar dele fortemente cerrado.

—Precisa confiar em mim Max – disse Lis, porém ele continuava em silêncio – Eu vou ser capaz de resolver isso, eu sei que vou.

Mas ainda assim ele continuou sem responder e assim foi durante todo o caminho, quando chegaram ele a ajudou a desmontar e a puxou para um beijo.

—Eu confio em você meu amor, na primeira hora do amanhecer estarei no lugar de sempre, por favor, apareça lá assim que acordar senão me verei obrigado a invadir esse castelo.

—Prometo – disse ela dando um último beijo nele e indo em direção a casa dos tios.

X

Max

A cada galopado de seu cavalo, o coração de Max afundava um pouco mais, a partir daquele momento nada dependia mais dele, teria que esperar para saber qual a decisão que o noivo de Lis veio comunicá-la. Mas é lógico que ele sabia que não seria uma decisão favorável, pelo menos não para Max e Lis, sempre soube que o amor deles não seria fácil, agora teria que refletir muito bem sobre os próximos passos que tomaria.

Corria o mais rápido que podia para chegar logo em casa, teria que se abrir com o pai, a visão de uma pessoa de fora pode ser bem esclarecedora, foi então que uma movimentação chamou a atenção de Max. Três homens a cavalo todos trajados de negros da cabeça aos pés e iam guiando dois bois.

Os ladrões!

Max puxou as rédeas para fazer o cavalo parar, os homens não tinham dado pela presença dele ainda, e ele começou a calcular suas chances. Na pressa de sair de casa esqueceu-se da espada e estava apenas com duas facas que trazia na bota. Não poderia enfrentá-los sozinho, então decidiu segui-los para ver que rota eles tomariam.

Seu cavalo, porém o traiu e relinchou delatando-o. Os homens se viraram assustados, mas quando perceberam que Max estava sozinho vieram até ele, Max ainda pensou em correr, porém seria inútil.

—Penso que estão levando algo que não os pertence. – disse Max.

Eram três, dois pareciam estar na casa dos quinze e outro, que parecia ser o líder deles, deveria ter uns quarenta anos, Max não os reconheceu, e como não usavam kilt era impossível saber a qual clã pertenciam. Max notou que eles também estavam desarmados, vinham a tanto tempo fazendo roubos sem serem pegos que já estavam despreocupados.

—Vamos fazer um acordo, deixem os bois, vão embora e não voltem mais e saímos daqui sem nenhuma luta.

Os três riram e o líder respondeu:

—Somos nós contra tu sozinho, penso que quem tem a vantagem deve fazer as exigências não é mesmo? Eis aqui minha proposta nós o matamos, levamos os animais e continuamos a voltar aqui para buscar outros assim que nos apetecer.

O líder fez sinal para os dois menores e eles partiram para cima de Max, ambos puxando facas de dentro das botas, apesar de serem mais jovens que Max, ainda estavam em maior número e pareciam ser bem treinados.

—Terminem com ele que eu irei à frente conduzindo os bois para o esconderijo.

Um ruivo com muitas sardas no rosto logo se posicionou em frente a Max, já outro ainda hesitava.

—Então – começou Max, sabia que tinha que enrolar um pouco para tentar evitar a briga – De onde vocês vêm?

—De que adianta saber quem somos nós, daqui a pouco estará morto e não te adiantará de nada.

E assim correu até Max com a faca direcionada para sua garganta, Max rapidamente desviou e puxou suas facas da bota.

—Calma criança, vamos resolver isso, não precisa seguir o que aquele velho diz, eu lhe dou o perdão e vocês saíram daqui sem nenhuma acusação.

Mas a resposta do rapaz foi investir novamente sobre Max, mas dessa vez ele conseguiu acertá-lo na testa e o sangue quente escorreu por todo o rosto de Max. Um pouco mais e ele teria acertado o olho, porém Max

conseguiu empurrá-lo bem a tempo fazendo cair no chão, mas isso fez com que ele derrubasse as facas e agora tinha as mãos limpas.

—Droga Damien, acerte-o – disse o ruivo ainda no chão.

Mas Damien não conseguia se mexer estava paralisado olhando para o outro rapaz, Max se aproveitou disse e correu até, desarmou-o e colocou a faca no pescoço dele.

—Quieto aí – disse Max para o rapaz que ia se levantando do chão – Largue a faca.

—Não faça isso, ele é meu irmão, o único parente que eu tenho.

—E enquanto ao velho?

—Ele nos achou na rua – respondeu o garoto que estava sob a mira de Max – Cuida de nós em troca de o ajudarmos nos furtos, já faz alguns anos que estamos nesse ramo.

Max começou a fazer pressão na faca a ponta de ferir um pouco o pescoço do garoto o fazendo gritar.

—Tudo bem - disse o ruivo – Deixe-o viver que nós iremos embora.

—Primeiro jogue as suas facas aos meus pés.

Ele o fez, jogou as duas facas que tinha na mão ao alcance de Max, ele então liberou o garoto que tinha sob o seu aperto, pegou as armas no chão guardando-as na bota e subiu no cavalo.

— Vão andando – ordenou Max – Agora iremos até minha casa buscar reforços e vocês dirão exatamente onde é o esconderijo que o velho falou.

Mais tarde naquela noite Ronald junto de alguns outros acharam o velho ladrão acabando com ele e recuperando o gado que estava junto com ele. Max quis ir junto, mas havia perdido muito sangue e sua mãe não deixou. Os dois jovens foram trancados nas masmorras e esperam julgamento, porém Max tinha certeza que seu pai os liberaria e até mesmo deixaria que ele ficassem no clã. No final eram apenas jovens sem sorte que não foram bem instruídos.

Depois que sua mãe cuidou dos seus ferimentos, ela lhe deu um poção

PERIGOSAS

que o faria dormir a noite, agora o problema dos ladrões estava resolvido, um a menos em sua vida pra se preocupar.

XI

Lis

O latido de Bobo a tirou de seu devaneio e a fez olhar pra trás.

—Max! – disse ela correndo até ele e se jogando em seu abraço —
Graças a Deus você veio.

Foi nesse momento que ela percebeu que ele estava muito machucado, seu braço direito estava praticamente todo enfaixado, tinha uma costura perto do olho esquerdo e vários arranhões no peito.

—O que aconteceu com você meu amor?

—Ontem à noite depois que a deixei na casa do seus tios, deparei-me com os gatunos que estavam roubando o gado da região, enfrentei os três sozinhos e com as mãos limpas, é uma sorte que eu esteja aqui.

Ela o abraçou ainda mais apertado tomando cuidado com os machucados dele. Parecia que o mundo estava caindo sobre suas cabeças, acontecia muitas coisas ruins ao mesmo.

—Preciso retornar a Inglaterra. – anunciou Lis e ela pode sentir que o corpo de Max ficou rígido.

—Está tudo bem, no fundo eu sabia que isso acabaria assim.

—Por Deus Max, já superamos essa fase! – Exclamou ela afastando-se dele – Drago trouxe notícias péssimas da Inglaterra, meu pai está muito doente, provavelmente sua hora chegou e disse que quer me ver antes que se vá.

—E acha que isso é verdade?

—Como assim?

—Não pensa que talvez isso seja um truque pra te levar de volta para casa?

—Não sei, isso passou pela minha cabeça também, de toda forma não quero arriscar. Apesar de tudo o rei é meu pai e preciso estar com ele.

— Está certa – disse ele atraindo-a para seus braços – Não quero conviver com a culpa de não deixar ir ver teu pai, mas lhe peço uma coisa, deixe que eu vá pra Inglaterra contigo, irei sozinho um pouco atrás de vocês e quando chegar à hora nós retornaremos juntos.

—Não Max seria muito perigoso, terá que confiar em mim, eu resolverei tudo e darei um jeito de voltar para você, porém tem uma coisa que quero te pedir.

Ela levantou o olhar até encontrar-se com o dele, pegou a mão de Max entrelaçando bem forte com a sua.

—Casa-se comigo essa noite e me faça sua mulher, quando cruzar a fronteira amanhã eu quero ser Lis Sinclair e não mais a Princesa Lis.

—Isso é loucura, como iremos nos casar assim tão depressa? E se pensa que o faremos e depois deixarei você ir embora está louca!

Lis riu e o puxou para um beijo apaixonado.

—Já lhe disse que terá que confiar em mim Max. Não se preocupe eu irei enfrentar meu pai se ele viver, o conselho dele e todo um país para ficar com você, depois que te conheci junto com nosso amor surgiu uma força extraordinária dentro de mim e me sinto preparada para qualquer coisa.

—Você nasceu com essa força meu amor, ela apenas aflorou quando chegaste junto dos teus, os Sinclair. – disse ele depositando um beijo na testa

da amada – Agora precisamos apenas tornar isso oficial, eu digo sim, vamos nos casar essa noite.

O padre seguia com a celebração, Lis não conseguia bem discernir o que ele dizia uma por ele falar em latim e ela sempre odiara as lições de latim e outra por estar passando pelo momento mais feliz de sua vida.

Ela e Monroe conseguiram arrumar tudo às pressas para o casamento. Padre Colin concordou celebrar a união em segredo, além dela apenas ele, Max e Monroe estavam presentes. Sua cunhada trouxera um tartan Sinclair, verde e vermelho, a o qual ela vestiu por cima do vestido que usara no baile, lembrar dessa ocasião fez Lis refletir o quanto havia crescido e mudado mesmo que em tão pouco tempo.

Max pegou as mãos dela entre as suas e beijou.

—Prometo te amar para sempre, a você e mais ninguém.

Ela repetiu o gesto que ele fez.

— E eu a você, a você e mais ninguém.

—Em nome de Deus vocês estão unidos – disse o padre encostando a cruz nas mãos deles – e nenhum homem será capaz de separá-los.

Quando a cerimônia terminou e Monroe o padre Colin e se despediram deles, Lis levou o seu marido até a caverna onde eles haviam dado o primeiro beijo. Ela fora lá mais cedo e forrou o chão com peles e colocou algumas velas, mas que se mostraram desnecessárias.

Não era possível ver uma nuvem sequer, o céu estava apinhado de estrelas e a lua cheia iluminava o leito nupcial fazendo um cenário perfeito para os amantes, quase como se tivesse sido combinado com forças superiores.

—Lis... – começou Max.

—Não diga nada Max, apenas me faça sua.

Ele começou a beijá-la lentamente, eles precisavam consumir o casamento, mas não havia pressa, eles tinham toda a noite. Deitaram sobre as peles

—Sabes o que acontece entre um homem e uma mulher na noite de núpcias, não é?

Ela corou e assentiu com a cabeça.

—Jane contou-me tudo.

—E não estás com medo?

—Não meu amor, confio em você com toda a minha alma.

Ele então começou a beijá-la de maneira mais agressiva, tomando a boca dela por inteiro para si, enquanto sua boca estava na dela suas mãos tentavam sem sucesso desatar os laços do vestido

—Deveria ter escolhido algo que fosse mais prático – resmungou ele o que fez Lis gargalhar.

—Maxwell Sinclair você é impossível, é pecado uma mulher querer estar bonita para o próprio casamento?

—Você é linda de qualquer maneira meu amor.

Separando-se dele, tirou ela mesma o vestido, ficando apenas com a roupa de baixo, a luz da lua a clareava totalmente e Lis pode perceber o olhar vidrado de Max nela, a vergonha grande, porém o desejo era ainda maior.

— Você é tão perfeita, eu te amo Lis e agora você é toda minha.

— Me faça sua – disse ela tirando o resto da roupa ficando completamente nua diante dele e deitando-se sobre as peles estendidas.

Ele ficou por cima dela apoiando seu peso nos cotovelos e começou a beijá-la em todos os lugares, na boca, pescoço e descendo por seus mamilos enrijecidos. Max dirigiu sua mão até o sexo dela, e colocando um dedo pode sentir toda a umidade de seu desejo por ele.

—Meu amor, você está pronta, irei consumir nosso casamento agora, e você passará a ser minha para sempre.

—Sou sua, Max.

Ele posicionou seu membro na entrada úmida de Lis e foi entrando aos poucos, quando chegou à barreira de sua pureza ele parou por um momento e começou a beijá-la carinhosamente. De uma só vez ele investiu nela e quebrou sua virgindade fazendo Lis arquejar.

— Calma – disse ele no ouvido dela – Já vai passar.

Max então começou a imprimir um ritmo bem lento dentro dela. Lis já não sentia mais nenhuma dor, apenas prazer e começou a mexer o quadril no ritmo do marido e aos poucos foram acelerando. Seu corpo era um turbilhão de sensações, ela conseguia sentir a pulsação nos ouvidos e parecia que todo seu sangue estava sendo drenado para seu ventre, o frenesi tomou conta daquela parte de corpo e ela sentia que a qualquer momento explodiria.

—Max...

—Venha pra mim querida, agora!

As palavras de Max deflagraram o seu êxtase, ele soltou um som gutural e também chegou ao êxtase junto com ela.

Deitando-se ao seu lado Max a puxou para deitar-se em seu peito, os dois tentavam controlar suas respirações, ele pegou um das peles estendeu sobre eles.

—Essa com certeza foi a melhor experiência que obtive na Escócia – disse Lis fazendo Max rir – Será sempre assim tão bom?

—A tendência é melhorar – respondeu Max – Na próxima vez não haverá nenhuma dor.

—Quase não doeu nada meu amor, foi tudo maravilhoso do início ao fim.

—Fim? Quem disse que terminamos?

—Podemos fazer de novo?

Em resposta ele desceu a mão e começou a circular seu clitóris fazendo Lis suspirar.

—Acha que podemos fazer amor de novo? – perguntou ele sem deixar o trabalho que fazia.

—Acho que devemos fazer – disse ela com a voz entre cortada.

E o fizeram. Amor lento, romântico e selvagem. Até a completa exaustão.

Deitada sobre o peito de Max, ela conseguia sentir-lo subindo e descendo bem devagar enquanto ele dormia. Lis também conseguia ouvir as batidas do coração dele, que também era dela, e as lágrimas começaram a rolar por seu rosto. Ela tinha que ir embora agora antes que sentissem a sua falta, o que a fez se agarrar ainda mais a Max e o choro veio com mais força.

Para não acordá-lo e tornar o momento ainda mais doloroso, ela se vestiu, e deu um último beijo em seu amado.

— Eu voltarei Max, juro que seremos felizes.

E foi correndo até a casa de seus tios enquanto os primeiros raios de sol surgiam no horizonte.

A cada milha percorrida a paisagem ia se tornando cada vez mais inglesa e o peito de Lis ia afundando-se cada vez, a cada milha percorrida a distância entre ela e seu marido aumentava.

—Deveria sorrir, já estamos chegando ao castelo – disse Drago – Finalmente estamos em casa.

“Não” pensou Lis *“Eu agora sou escocesa pelo casamento, sou uma Sinclair”*

Mas ela não verbalizou apenas lhe olhou indiferentemente.

—Seu pai tem urgência em vê-la, ele pensa que o tempo dele está chegando ao fim e quer lembrá-la de seus deveres como futura Rainha.

Ela olhou para o lado de fora da pequena janela da carruagem, se pudesse teria pegado um cavalo e ir cavalgando a viagem inteira, do que dividir o mesmo espaço que Drago, porém ela estava dolorida entre as pernas e não podia montar. Ao lembrar o motivo da dor seus olhos marejaram.

“*Max*”

Evitava o máximo pensar nele, mas era impossível. O cheiro dele tinha se impregnado nela, trazendo deliciosas e dolorosas lembranças.

Ouviu então uma ordem para que o portão se abrisse e se deu conta que chegaram ao castelo, algumas pessoas se aglomeravam para tentar identificar quem chegava e Lis fechou a cortina da janela, não tinha humor pra exercer o papel da princesa simpática hoje. A carruagem parou mais adiante e um guarda veio abri-la.

—Princesa – cumprimentou ele.

—Leve-me ao meu pai imediatamente.

E assim ele o fez, mas ao invés do quarto, onde Lis esperava que estivesse um enfermo, ela foi levada a sala do trono onde se encontrava seu pai, forte, saudável e corado assim como o deixou antes de partir pra casa da tia.

—O que está acontecendo papai?

Mas seu pai não lhe respondeu, calmamente se levantou, foi até ela e lhe desferiu uma tapa no rosto fazendo-a ir até o chão.

—Levante-se – ordenou ele.

—Mas pa...

Ele a agarrou pelos cabelos e fez de ficar de pé somente para lhe outro tapa do rosto.

—Esses são modos da futura Rainha da Inglaterra se apresentar.

Ela trajava um dos vestidos que a mãe de Max mandara fazer para ela, era de linho e sem muitos adornos, não trazia nenhuma jóia e seus cabelos estavam soltos.

—Precisamos conversar – disse Lis.

Ele levantou a mão novamente e deu-lhe outra tapa que a levou ao chão.

—Daqui um mês seu casamento com Drago irá se realizar. – anunciou o rei.

—Não! – disse Lis se encolhendo esperando por outro ataque, mas não veio.

Ela então se levantou para encarar o pai frente a frente.

Ele havia se tornado rei aos dezoito anos e o seu longo reinado havia cobrado o preço, seu pai aparentava mais ter setenta anos do que seus cinquenta que realmente tinha. Já era completamente calvo e os poucos fios de cabelo que sobraram eram brancos, sua pele era repleta de manchas e rugas e seu corpo já não agüentava longas caminhadas.

—Essa não é uma decisão sua – disse o rei calmamente. – Você tem deveres com o povo da Inglaterra e com nossa linhagem real, ira casar-se e ponto final.

—Não – respondeu Lis novamente.

O rei ainda ameaçou-lhe com uma tapa, mas respirou fundo e não o fez.

—Guardas! – gritou o rei e dois deles apareceram – Levem-na para o seu quarto, tranquem e tragam-me a chave.

XII

Max

Ronald e Max faziam a contabilidade do feudo. A época de colheita e

PERIGOSAS

estocagem finalmente terminara, e segundo o balanço deles seria o suficiente para alimentar todos e ainda sobrar uma boa parte para trocar em gado. Assim que terminara seu pai abriu uma garrafa de uísque para comemorar o ano lucrativo que tiveram, nenhum Sinclair passaria fome, nunca mais.

—Sinto falta da senhorita Lis. – anunciou seu pai – Se escrever a ela diga que lhe mando lembranças.

“Senhora Lis Sinclair” Corrigiu Max mentalmente.

Já fazia mais de um maldito mês que ela havia partido e até agora não dera notícias o que fez Max suspeitar que houvesse algo de errado. Tinha sondado a senhora MacKay em busca de notícias da saúde do rei, mas ela também não sabia de nada.

A cada minuto que se passava ele precisava de mais forças para não ir até a Inglaterra e trazer sua esposa de volta, mas tinha que confiar nela, sabia que sua Lis estava resolvendo tudo e logo lhe mandaria notícias.

—Posso lhe perguntar algo? – disse Ronald interrompendo seus pensamentos.

—Já o fizeste – disse Max secamente.

Ronald apenas o ignorou, seu mau humor estava em um nível máximo, como nunca estivera antes.

—Você aprecia muito a senhorita Lis não é mesmo?

Max assentiu com a cabeça.

— A ama?

Em resposta ele abaixou a cabeça. Não queria falar a verdade ainda, mas se mentisse seu pai saberia, ele o conhecia muito bem.

—Preciso confessar-te algo, lembra quando disse a você e sua irmã que tinha encontrado com tua mãe em um convento que ela vivia desde criança, pois era órfã?

Max confirmou, sabia que Monroe amava a história de como o pai deles havia ido ao convento levar mantimentos para as freiras e ficara para uma refeição, ele já era Lorde na época e as freiras confiavam muito nele para que o deixassem entrar ao menos na cozinha. Justo nesse dia sua mãe

PERIGOSAS

estava auxiliando no preparo da comida e os dois se apaixonaram, ele teve que agir rápido, pois ela se ordenaria dali a um dia.

—Pois bem – continuou Ronald – é uma mentira, sua mãe nunca viveu em convento e seus avós maternos ainda estão vivos.

—Mentiram todo esse tempo para nós?

—Não diga a sua mãe o que eu lhe falei, e não pense em contar a Monroe essa história. Eu era na verdade noivo da irmã de sua mãe, um casamento arranjado por nossos pais.

“Cheguei à terra dela na véspera do casamento sem nunca ter visto a minha noiva, meu irmão me acompanhava e já tínhamos cruzado a fronteira e seguíamos rumo a fortaleza. Avistei um lago a frente um pouco escondido pelas árvores e decidi ir tomar um banho antes de encontrar com ela, pois a viagem tinha sido longa e queria estar apresentável, seu tio ficou me esperando na estrada enquanto segui rumo a me limpar.

Foi então que a vi, ela nadava no lago, estava completamente nua. Fiquei encantado, ela mais parecia uma ninfa das águas das velhas lendas, me aproximei um pouco, mas com cautela para não me denunciar. Seu cabelo dourado boiava a sua volta, ela estava submersa até os ombros, mas era possível ver quão alva era sua pele, o sol batia diretamente em seu rosto fazendo seus lindos olhos azuis brilharem como jóias. Ela saiu da água e começou a vestir a roupas que estavam na margem, pude perceber que eram roupas masculinas, o que me fez ver que ela era uma mulher real, assim que terminou de se vestir subiu no cavalo, retirou algo na bota e no instante seguinte havia um punhal cravado em meu ombro esquerdo. Ana sabia que eu estava lá o tempo todo e esperou o momento certo para atirar o punhal em mim, ela fala que realmente mirou em meu ombro, mas sempre desconfiei que ela quisesse ferir-me fatalmente e errou por pouco meu coração.”

Seu pai então desabotoou a camisa e mostrou a cicatriz que ainda carregava depois de todo aquele tempo.

“—Da terra de que você veio é costume olhar moças se banhando? – disse ela vindo na minha direção.

—Desculpe-me – consegui dizer em meio à dor.

Ela parou ao meu lado e puxou o punhal de meu ombro, fazendo-me cair de tanta dor, quando levantei o olhar ela não estava mais lá.

Consegui, com muito esforço, montar no cavalo e chegar até meu irmão que me levou para fortaleza onde fui recepcionado por meu sogro que ao ver como eu estava em enviou imediatamente para um quarto.

—O que aconteceu você foi atacado dentro de meus domínios, foi um ladrão?

—Não consegui discernir o agressor – eu disse, mas na verdade estava muito envergonhado em dizer o que realmente tinha acontecido. Contar ao meu futuro sogro que eu estava espiando uma mulher nua na véspera de meu casamento era humilhante, e dizer que ela lhe causara um ferimento tão grande era talvez mais humilhante ainda.

—Não se preocupe minha filha mais nova tem as mãos de uma fada para costurar, vá chamá-la John, antes que esse ferimento infeccione.

Qual não foi minha surpresa quando justamente a causadora da minha dor veio para remediá-la

—Veja querida, o noivo de tua irmã foi atacado.

Ela estava diferente agora, trajava um lindo vestido azul e o cabelo, que agora estava quase seco, tinha adquirido um tom mais claro e estava preso em uma trança.

—Irei enviar um bando de meus homens para tentar identificar teu agressor – disse o meu sogro – Ana querida, costure o ferimento desse pobre rapaz.

Ela se aproximou de mim e pude sentir seu doce aroma de banho recém tomado, era ainda mais linda assim de perto, eu a encarava, porém ela mantinha o olhar concentrado em aplicar uma pasta gosmenta em meu ombro. Ana então pegou agulha e me preparei mentalmente para não gritar diante ela, mas quando começou a costurar não sentia nada.

—Penso que devemos adiar o casamento – eu disse.

—É obvio que não jovem Ronald, ainda irão se casar amanhã.

Eu consegui ouvir Ana dando um pequeno risinho ao meu lado, seu

pai saiu e ela continuou com o trabalho.

—Escute, quero realmente que me desculpe eu não tive a intenção de espia-la. – disse a ela.

—Não tinha a intenção, mas se bem me lembro passastes um bom tempo me observando.

—Perdoe-me, realmente fiquei encantado com tanta beleza, nem pensei que fosse humana, é pecado admirar uma divindade?

Ana corou, mas não baixou guarda, ainda pensava que eu era um perverso qualquer.

—Palavras bonitas senhor Sinclair, guarde-as para minha irmã. – disse ela dando o último ponto em meu ombro e aplicando novamente a pasta sobre a ferida agora fechada, tirou um pequeno frasco da bolsa e entregou-me – Beba isso e irá dormir toda a noite sem dores.

Ela então juntou suas coisas e fiquei observando-a sair pela porta. A noite chegou e não conseguia tirar Ana da minha cabeça, a todo o momento a imagem dela se banhando, o leve som da sua risada e a sensação de seu toque em minha pele invadiam meus pensamentos. Depois de tomar a bebida que ela me deu, adormeci, mas naquela noite até mesmo o sono me traiu e me levou de novo até ela, sonhei que fazíamos amor, a noite inteira sonhei com isso. E no outro dia quando acordei a primeira coisa que fiz foi procurar por ela, e a encontrei justamente onde a tinha visto pela primeira vez, porém desta vez estava vestida, deitada a margem do lago.

—Acaso queres que te acerte o outro ombro? Dessa vez não irei costurá-lo. – disse ela quando notou minha presença.

Eu apenas ri, percebi que ela também não falava a sério, e sentei ao seu lado. Ela estava apenas com um vestido leve, era verão na época, e mesmo aquela hora da manhã já fazia calor.

—Sonhei contigo – disse a ela.

—Eu sei – disse Ana abrindo os olhos e sentando-se – Velei teu sono a noite toda, dissestes o meu nome dezessete vezes.

Eu tive que rir, a diaba tinha passado a noite comigo no quarto para

verificar se eu teria febre e contou quantas vezes chamara por ela.

—Sabes o que se passou no meu sonho? – perguntei e em resposta ela apenas corou, provavelmente falei mais do que o nome dela na noite passada – Ana eu vim pra casar com sua irmã, mas se disser que me quer, vou agora a teu pai e peço a sua mão em matrimônio.

—Nem ao menos conheceu a minha irmã, ela que é considerada a bela das filhas de meu pai.

—Impossível que haja uma beleza maior que a tua, e se houver também não importa, pois me apaixonei por ti e é você que quero.

Bem depois disso fui falar com teu avô, dizer que prefira Ana a Aila, mas ele disse que não faria o acordo, Aila era mais velha e deveria se casar primeiro. Então me fiz de doente, para que o casamento não ocorresse naquele dia e quando chegou a noite eu, ela e meu irmão saímos escondidos do castelo e fugimos, no meio do caminho para cá, fiz um padre nos casar. Quando meu sogro ficou sabendo renegou a filha e disse que nunca mais queria voltar a vê-la, e por isso vocês não o conhecem.”

—Qual a sua motivação contando-me isso só agora? – perguntou Max.

Seu pai deu de ombros e foi em direção a porta.

—Só estou lhe dando algo para pensar. – e saiu deixando Max com seus pensamentos.

O som de algo arranhando a porta de seu quarto acordou Max, Predadora que dormia no chão ao lado da cama dele acordou também e foi até lá abanando o rabo e latindo.

— Quem está aí?

Em resposta ele ouviu um latido, um latido que ele conhecia bem.

— Bobo! – E correu para abrir a porta.

Quando chegou lá viu realmente tratar-se de bobo, porém sua dona não estava à vista, o cão assim que o viu pulou em cima dele inquieto.

—Hei calma garoto, me leve até sua dona.

Mas ele continuou no lugar latindo e pulando para chamar a atenção de Max, foi então que ele percebeu que havia algo diferente no pescoço do cão, era uma espécie de embrulho amarrado com um grosso tecido e quando abriu viu tratar-se de uma carta de Lis.

Querido Max,

Fui enganada, meu pai não está à beira da morte como Drago havia me relatado, ao contrário, está forte como touro, como pude comprovar pela surra que me deu quando disse que não iria casar-me com Drago.

Max, eu era tão cega, nunca percebi o homem vil que meu noivo era, um homem sem coração e mau, semana passada ele feriu Bobo e tentou beijar-me à força. No momento estou encarcerada em meu quarto pelo meu próprio pai, não saio nem mesmo para uma caminhada e faço minhas refeições aqui. Já tentei vários meios de escapar de minha prisão, mas todas em vão, minha escolta é maior do que a do rei. Subornei então Ana, minha dama de companhia, para que me ajude com um plano, custaram todas as minhas jóias, mas não precisarei delas, pois estar com você será toda a riqueza que eu posso querer. Quero que venha encontrar-me aqui na Inglaterra, na primeira noite de lua cheia, numa taberna perto do castelo, será

fácil de encontrar, não se preocupe.

Meu amor, minha regras não vieram esse mês e sinto enjoos matinais constantes, e apesar de não poder confirmar com uma parteira, sei dentro de mim que estou grávida. Carrego um filho teu em meu ventre, por isso te peço meu marido, que venha ao nosso encontro.

Com amor e para sempre sua.

Lis Sinclair

Quando terminou de ler Max teve que se sentar na cama para não cair.

Um filho!

Sua esposa carregava um filho no ventre e ambos estavam em perigo e ele precisava agir rápido, a lua cheia seria dali a três dias e o caminho até Londres era longo. Pegou algumas coisas que precisaria para a viagem e foi até o quarto de Monroe, ela era a única pessoa que sabia toda a história de seu casamento secreto.

Entrou sem nem bater, ela como o esperado estava dormindo. Max então depositou a carta de Lis na mesinha ao lado da cama da irmã junto com um bilhete que escreva.

Monroe, não deixe que ninguém vá atrás de mim, conte a verdade sobre Lis e sobre a nossa união aos nossos pais, logo estaremos de volta. M.

E saiu rumo aos estábulos, montou seu cavalo e foi em busca de sua

amada.

XIII

Lis

— Hei Charles – disse Jane saindo do quarto de Lis e se atirando no pescoço do guarda – Senti sua falta.

Lis observava tudo pela brecha da porta, já passava um pouco da meia noite, se tudo estivesse correndo conforme o planejado Max deveria estar na taberna a esperando.

O guarda prensou Jane na parede, ela enroscou as pernas ao redor do quadril dele enquanto ele subia as mãos por a perna dela.

—Calmo aí garotão vamos para um lugar mais reservado

—Sabes que não posso, tenho que ficar vigiando.

Jane então tirou uma chave do bolso e entregou a ele.

—O quarto está trancado e a princesa Lis está dormindo feito uma pedra, dei-lhe um remédio e ela praticamente desmaiou, vamos lá Charlie, passei muito tempo naquela terra selvagem e preciso de um bom homem inglês em minha cama.

Ele não perdeu tempo, colocou-a em seu colo e entraram na primeira porta a esquerda, que era o quarto de sua dama. Lis então saiu bem devagar para não fazer barulho e foi até a porta do quarto de Jane, quando começou a ouvir gemidos, ela voltou ao seu quarto pegando uma manta e saiu pelo corredor.

Pegou uma das saídas que davam para a lateral do castelo, que há essa hora não havia ninguém. Ela havia pedido a Jane que trouxesse um vestido bem simples que a fizesse parecer uma empregada, isso junto com o manto que trazia envolta da cabeça a fazia irreconhecível. Lis conseguiu sair do castelo sem problemas, porém o pátio nunca estava realmente vazio, o portão sempre era vigiado por muitos guardas, mas ela conhecia bem aquele lugar e sabia que havia outra passagem ali. Abaixando a cabeça ao passar por dois guardas que saíam da cozinha ela seguiu rumo ao jardim dos fundos onde existia um portão que dava para uma horta fora dos muros. Porém quando chegou lá e tentou abrir ela estava trancada.

—Quem está aí – perguntou uma voz feminina – É você Edith?

Lis conhecia aquela voz, era Margaret a cozinheira mais velha do castelo, conheço-a desde pequena. Quando Lis não respondeu a senhora foi até ela e viu quem ela era de verdade.

—Princesa o que faz aqui, pensei que ainda estivesse doente?

“Então era essa a história que estava sendo contado para justificar seu confinamento.”

—Tive uma pequena melhora – disse Lis em meio a um tossido fingido – Queria pegar um pouco de ar, não consigo dormir.

—É muito tarde princesa, não é bom para sua saúde, venha vamos para dentro.

—Não, por favor, destranque a porta para mim prometo que darei apenas uma curta caminhada,

—Tudo bem, mas não a conte a ninguém que fui eu a abrir, se acaso vossa majestade piorar não serei culpada.

Lis sentia-se um pouco culpada por estar a enganando a pobre senhora, elevou uma prece aos seus que quando seu desaparecimento fosse notado ela não sofresse nenhuma punição.

Assim que pôs o pé fora dos muros do castelo um alívio se instalou em seu peito, a pior parte já havia passado, tudo o que conhecia e tudo o que um dia fora tinha ficado para trás e agora uma nova se iniciaria. Correu até a taberna que tinha combinado com Max o mais discretamente possível, ainda que fosse a noite e quase ninguém estava à vista, ela ainda era mulher andando sozinha, o que poderia chamar atenção.

Assim que entrou no local viu que estava cheio, o que era bom olhou para todos os lados, mas não conseguia ver Max.

“Será que ele recebeu minha mensagem?” pensou Lis.

Mas estava tudo bem ela tinha um plano reserva. Não havia entregado todas as suas jóias a Ana, ela escondeu algumas e tentaria comprar um cavalo e também o silêncio do vendedor. Quando ia dando a volta para sair do estabelecimento ela ouviu um som que lhe chamou atenção, um latido!

—Bobo – disse ela baixinho.

Ela procurou por ele e o achou bem ao fundo, junto com um homem que trajava pesadas roupas pretas e assim como ela estava enrolado em um manto, quando ele levantou o olhar e Lis pode ver aqueles lindo olhos azuis que ela tanto amava a encarando de volta.

Max se levantou e veio na direção dela. Ela se virou e saiu da taberna indo em direção aos fundos onde ficavam os cavalos com ele andando um pouco afastado para não levantar suspeitas.

— Lily senti sua falta, tanto que não posso medir. – disse quando

pediu ao garoto que fosse buscar o seu cavalo.

Lis o abraçou o mais forte que podia e aspirou o cheiro dele, era ainda melhor do que o que tinha guardado em sua memória.

— Tens a certeza que estás grávida? — Perguntou ele.

— Oh sim meu amor, já completaram dois meses sem minhas regras, o teu herdeiro cresce em meu ventre.

Max se ajoelhou diante dela e beijou-lhe a barriga.

— Se Deus quiser será um varão, Maxwell Sinclair II.

Lis riu.

— Sim meu amor, a de ser um menino, agora vamos embora, não temos muito tempo.

O garoto chegou com o animal, Max montou colocando Lis a sua frente e partiu, tentava ser o mais discreto possível e corria no limite para que não levantassem suspeitas. Quando a cidade ficou para trás, Lis suspirou aliviada e recostou-se no peito de Max, a cada minuto estavam mais perto do seu verdadeiro lar.

— Max, nós não podemos pernoitar temos que seguir o nosso caminho. — protestou Lis.

Mas ele não lhe deu ouvidos saiu da estrada e entrou nos bosque a procura de um bom lugar para passarem a noite.

— Meu amor, na sua condição temos que ter cuidado, cavalguei o dia inteiro como um louco, não podemos nos arriscar mais.

Lis revirou os olhos, queria ficar brava com ele, porém ele estava sendo tão atencioso e sua preocupação realmente tinha fundamento. Max e ela cavalgaram sem parar desde que saíram da Inglaterra, e o lombo de um cavalo não era o mais adequado para uma mulher grávida, porém eles não podiam se dar o luxo de uma carruagem, precisavam chegar em casa o mais

rápido possível. O território inglês já tinha ficado para trás e essa noite já dormiriam em solo escocês o que deixava Max exponencialmente mais tranquilo, um highlander é invencível em seus domínios.

—Eu me sinto bem meu amor, por favor, vamos embora.

—Ninguém nos persegue querida, foi mesmo sábio pegar o caminho que tua amiga nos indicou.

Ele se sentou encostado na parede e Lis se acomodou junto a ele, desfrutando do seu calor, era começo do inverno, mas o frio já era intenso e não podiam se dar o luxo de acender uma fogueira.

—Quando chegaremos Max?

—Se continuarmos nesse ritmo, amanhã ao entardecer já estaremos na terra de meu pai.

—Meu peito está apertado, quero ir embora agora.

Ele apenas a puxou mais para seu abraço e começou a acariciar os cabelos dela.

—Durma, amanhã se sentirá melhor.

XIV

Max

Lis dormia calmamente em seu colo, ela estava exausta, ao contrário dele que não conseguia nem os piscar os olhos.

Tinha escolhido uma caverna para passar a noite, ela ficava em meio

a um morro e dava uma visão completa do bosque e da estrada, deixara também seu cavalo lá embaixo, para não denunciá-los. Ainda assim qualquer barulho, por mínimo que fosse, o fazia ficar em estado de alerta. A essa altura metade dos soldados ingleses deveriam estar a sua procura e ainda estavam muito longe de casa, mas ele realmente tinha que deixar Lis descansar. Ele pousou a mão no ventre dela e alisou levemente para não acordá-la, se o plano ocorresse conforme o planejado, eles seriam muito felizes.

Com muito cuidado tirou a cabeça de Lis de seu colo e depositou num travesseiro improvisado com seu tartan, queria ir pegar um pouco de água no rio para quando ela acordasse. Assim que saiu que colocou o pé para fora e olhou lá pra baixo rapidamente voltou para o interior da caverna, o bosque estava completamente vermelho, tomado por soldados ingleses!

Estava esperando por eles, mas nunca imaginava que viriam tão rápido e ainda mais por esse caminho.

—Lily – disse ele indo até ela e acordando-a – Precisamos ir embora agora, o bosque está vermelho como o inferno de tantos soldados ingleses que há.

—Como podem ter nos encontrado, como adivinharam o caminho que pegamos?

—Não faço ideia, pegue suas coisas e vamos, logo estarão aqui.

Os gritos dos homens estavam cada vez mais perto, e não haveria tempo para Max ir buscar o cavalo, eles teriam que sair a pé para procurar um esconderijo. Max, Lis e Bobo saíram subindo ainda mais pelo morro, as chances de haver um bom lugar para se esconder lá era improvável, mas descer estava fora de cogitação.

—Max iremos ficar encurralados se formos lá pra cima.

—E qual outra opção nós temos? Se descermos será como nos entregar de mão beijada.

Chegaram ao topo, e como ela previu não havia saída, de um lado era o bosque do outro um penhasco que dava para o rio.

—Vamos tentar descer está bem? Com muito cuidado.

Mas antes que ao menos tentassem escapar por lá uma voz disse atrás deles:

—Aí está princesa Lis, a fugitiva! – Disse Drago – Venha vamos para casa, não há chances de fuga apenas desistam.

—Drago você não pode me querer – disse Lis se virando para ele - Entreguei-me a Max e espero um filho dele.

Drago estava acompanhado de pelo menos mais dez homens, todos montados e armados, não, realmente não tinham nenhuma chance.

—Acha mesmo que eu me importaria se você tivesse deitado-se com todos os selvagens da Escócia ou que carregas um maldito rebento em teu ventre? A única coisa que desejo de ti é a coroa, irá voltar comigo para a Inglaterra e iremos nos casar.

Max posicionou-se em frente a Lis para encarar a Drago.

—Isso é impossível, pois já nos casamos, um casamento real e com testemunhas Lis é minha.

—Bem, então penso que tenha de fazê-la viúva – disse ele sacando a espada e apontando na direção de Max.

Max também empunhou sua espada e Drago veio cavalcando na direção dele, Lis se posicionou novamente em frente ao amado.

—Vamos chegar a um acordo Drago.

—Saia da frente princesa, precisa de você viva e seu querido esposo morto.

Max puxou Lis de modo que ela ficasse atrás dele e ficou em posição de ataque. Era uma luta totalmente injusta a vantagem estava em Drago, pois ele estava montado, mas assim que as espadas se encontraram e a luta começou Lis começou a sentir alívio, pois Max estava ganhando.

—Desça e lute como homem de honra.

—Sabe de uma coisa, você me lembrou de algo – disse Drago rindo – Eu não sou um homem de honra, eu luto por o que eu quero e não me importo os meios de chegar a isso

Ele percebeu que Drago fez um sinal com a mão e em seguida sentiu então um forte dor no braço, quando olhou para ele viu tratar-se de uma flecha, Max encarou seu oponente incrédulo.

—Como pôde seu covarde? – Outra flecha então acertou o ombro

dele.

Ele estava distraído e não percebeu quando Drago enfiou a espada em seu coração.

—Max! – ele conseguiu ouvir ao longe, o sangue zunia em seus ouvidos tudo começava a ficar preto.

—Pronto princesa, vamos para casa – disse Drago.

—Maldito, se pensa que me terá está enganado.

Ele consegui sentir seu corpo ser arrastado e um sussurro em seu ouvido.

—Juntos, meu amor para sempre.

E logo depois o chão sumiu debaixo dele e eles estavam em queda livre em direção ao rio, porém antes de chegar a água ele já havia mergulhado na escuridão.

XV

Lis

—Meu Deus John, esse não é o filho do Lorde? – perguntou uma voz desconhecida acordando Lis.

—Sim é ele. - respondeu o homem.

Ela sentia uma dor extrema nos membros, estava com tanto frio que pensou estar congelada por dentro. Um turbilhão de imagens ia e vinha na sua cabeça, porém não conseguia dar sentidos a elas, tentou se levantar, mas a dor não permitiu que o fizesse. Uma língua começou a lambê-la e ela deduziu que fosse Bobo.

—Veja, a moça está acordando.

Sentia um gosto terrível na boca, sua garganta estava tão inflamada que se fazia difícil respirar.

—Vamos levá-lo para lorde Ronald, prepare a carroça para levarmos o corpo.

“O corpo” Pensou Lis. *“Não, não, não!”*

A imagem da espada de Drago cravada no peito de Max surgiu em sua mente e Lis se deu conta do que estava acontecendo, ao fundo Bobo deu um longo uivado e a escuridão tomou conta dela novamente.

—A moça está viva, muito machucado, mas ainda sim viva. Já seu filho meu Lorde eu sinto muito dizer, mas está morto.

Lis começava a acordar novamente, mesmo a contragosto, queria continuar a dormir, queria se manter na escuridão onde não havia dor.

—Meu filho – ouviu a voz de Ana falar quase em um sussurro – Não! Maxwell acorde.

A dor que Lis sentia estava insuportável, ela então abriu os olhos e viu que tinham sido trazidos para o interior da fortaleza, tentou se levantar, mas não conseguiu. Sentiu mãos a amparando e percebeu que eram as de Alair.

—Não se mexa – instrui ele – Você está muito machucada.

—É tudo culpa minha Ana – disse Lis com a voz muito rouca - Eu que pedi que ele fosse ao meu encontro e acabamos caindo em uma armadilha.

Ronald caiu de joelhos ao lado do corpo do filho e começou a chorar também.

—Por que meu Deus? O meu único herdeiro agora está morto.

A tristeza tomou conta do local, todos choravam, seu futuro Lorde estava morto, Monroe e Ana consolavam uma a outra e Ronald olhava para o corpo inerte do filho enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

—Venha minha querida – disse o sogro se levantando e indo até ela – Você precisa cuidar dos seus ferimentos e se esquentar.

—Não! – gritou ela saindo do abraço de Alair e se agarrando ao corpo de Max – Não tenho mais motivos para viver.

—Tens a criança que carregas no ventre – disse Ronald.

—Está grávida?– disse Ana surpresa – Será que a criança ainda vive depois de tudo isso.

—Teremos que esperar para saber disso com certeza, mas um Sinclair nunca desiste, somos fortes, tenho certeza que um pedaço de Max ainda vive dentro de ti, por favor, querida deixe que cuidem de você.

—Não está com raiva de mim senhor Sinclair? Eu atraí Max para a morte.

—Não minha filha, você não é a culpada, não foi você que enfiou a espada no peito dele, antes mesmo dele receber tua carta já tinha o mandado ir atrás de ti na Inglaterra. – Ronald foi até ela e a colocou nos braços –

Vamos, Alair providencie um funeral digno de uma pessoa honrada como Max.

Assim que a cerimônia fúnebre acabou, Lis não conseguia achar forças nem para se mover direito e Alair teve que a carregar para o antigo quarto de Max. Ela ainda estava muito ferida da queda no rio, porém por dentro ela estava dilacerada, sua vida pré Escócia já não existia mais, a doce princesa Lis foi-se pra nunca mais voltar, tornou-se a senhora Sinclair e foi a mulher mais feliz do mundo. E tudo lhe foi tirado apenas com um golpe, agora não havia mais marido ou um lar para voltar.

Ela ouviu leves batidas na porta e Ronald entrou juntamente com Monroe que se juntou a ela na cama.

—Sei que não posso ficar aqui senhor Sinclair, mas eu não sei o que irei fazer da vida agora – disse ela se agarrando a Monroe. – Não quero voltar à Inglaterra.

—Lis irá ficar não é mesmo papai? Tens que deixá-la viver conosco! – disse Monroe.

— É lógico que permanecerá junto a nós – respondeu Ronald – É uma Sinclair pelo casamento, e irá viver conosco, todos pensam que você está morta, seu ex noivo Drago convenceu a todos disso, e é realmente mesmo um milagre que esteja viva. Iremos fazer o seguinte, esperaremos o nascimento de teu filho, se for um varão passará a ser meu herdeiro senão, Monroe deverá casar-se o quanto antes com alguém do nosso clã, já que os MacKay cortaram toda a relação conosco.

—Ora, mas por quê? – perguntou Lis.

—A história que circula é que meu filho a raptou contra sua vontade Lis, e como para eles você está morta é quase como se teu sangue estivesse em nossas mãos.

Aquilo perturbou muito Lis, pelo tempo em que conviveu com a

família da tia percebeu que eles não eram as melhores pessoas do mundo como imaginara, porém não imaginava que eles chegariam a tal ponto de acreditar nisso.

—Temos que fazer algo senhor Sinclair, não pode deixar que a reputação de Max esteja na lama, ele morreu como um verdadeiro herói. — argumentou Lis.

—Eu sei minha querida, é ainda mais difícil pra mim acredite, mas por ora façamos assim, temos que deixar tudo como está para o seu bem e do bebê, sei que seria o que Max desejaria.

As palavras de Ronald lhe aliviaram um pouco. Perdera tudo, mas pelo menos ela poderia ficar no local que há muito tempo vinha considerando seu verdadeiro lar.

Alguns anos depois...

Lis acordou com o som de insistentes batidas em sua porta.

—Quem é?

Mas obteve apenas o silêncio como resposta, intrigada ela foi até a porta abrindo-a e uma pequena criaturinha passou por ela correndo se enfiando em sua cama.

—Maxwell o que combinamos? Vá para o seu quarto agora.

—Não – disse ele debaixo das cobertas.

Lis fechou a porta e foi até a cama revirando os olhos. Seu pequeno era um poço de teimosia, e ser a única criança da família o fazia muito mimado, todos o idolatravam desde os avós até os aldeões.

—Achei que tínhamos um acordo mocinho, você tem idade suficiente para dormir sozinho.

—Mamãe eu tenho medo.

—Por isso que lhe dei Bobo, para ele defender você.

—Mas bobo saiu mamãe, penso que ele tem uma namorada, por favor, deixe-me dormir aqui, vovô também não me quis em seu quarto e tia Monroe se mexe muito enquanto dorme.

—Quer dizer que primeiro recorre ao teu avô para depois vir a mim?

Lis teve que rir, o amor entre o pequeno Max e Ronald era tão grande que às vezes ela ficava enciumada, eram incontáveis as vezes que dormiam juntos, depois passavam o dia inteiro de um lado para outro resolvendo os assuntos do clã. Já tinha ocorrido de passar um dia inteiro sem nem ao menos ver o filho, o que já lhe angustiava, seu filho era a coisa mais preciosa, um facho de luz que sua vida recebera e que sem ele não poderia continuar nesse mundo.

—No quarto de vovô tem muitas espadas ele sabe como usá-las para se defender.

—Então vamos fazer assim, pedirei a Alair que arrume uma espada adequada para teu tamanho e que te de lições para que possas de te defender sozinho está bem?

—Pode ser amanhã? – perguntou ele dando um pulo de empolgação o que a fez rir ainda mais.

—Sim meu pequeno, falarei com ele amanhã, agora me dê um beijo e vamos dormir, está bem?

Ele se deitou no peito dela, deu-lhe um beijo na bochecha e disse:

—Te amo mamãe.

Olhando bem fundo nos olhos azuis-safira do filho ela disse.

—Também te amo Max.

Continua...

Livro 2:

Quando duas almas se amam nem mesmo a barreira da morte e do
PERIGOSAS

tempo é incapaz de impedi-las de ficarem juntas.

Brasil, tempos atuais.

Isabela Martini é uma jovem, porém muito bem sucedida escritora. Um dia ela encontra Gustavo, e assim que batem o olho um no outro se estabelece uma ligação muito forte, amor à primeira vista um verdadeiro encontro de almas gêmeas. Os dois iniciam um lindo romance que poderá ser ameaçado por inimigos de um passado muito distante.

1

Bela

— Hoje é quinta Bela, nem vai ter tanta gente assim.

Isabela revirou os olhos, Mônica sua melhor amiga, era insuportável às vezes.

— Já te disse, estou um pouco atrasada no meu cronograma, eu deveria estar com pelo menos umas setenta páginas e penso que ainda não tenho quaren...

— Pelo amor da deusa Bela, você tem até o final do ano pra entregar a primeira versão do livro e ainda estamos em setembro! – argumentou ela – Hoje é seu aniversário, pelo menos um drink, uma foto no instagram e dois stories. Só te peço isso, por favor.

Ela revirou os olhos novamente, sua amiga realmente não entendia como funcionava sua metódica mente. Em um trabalho como o de escritora a disciplina era uma coisa fundamental, já que não tinha ninguém em seu ouvido gritando o que tinha que fazer, e ela dava graças a Deus por isso, era necessária ela mesmo se dar essas ordens.

Bela olhou para o documento do Word onde continha apenas as palavras “Capítulo Sete” e o piscar do cursor, estava assim desde ontem.

— Então tudo bem, irei entender seu silêncio como um sim – disse Mônica interrompendo seus pensamentos – Te pego lá pelas sete.

E antes que Bela pudesse recusar ela já tinha desligado o telefone. Olhou para o relógio e ainda eram quatro e meia, resolveu escrever até as seis e depois se arrumaria para ir ao tal Pub que ele vinha falando há semanas, sabia que não poderia ganhar essa discussão com ela. Da última vez em que Mônica a chamou para sair e Bela recusou, ela acionou todas as suas milhares de seguidoras para comentarem #SaiDaTocaBela no instagram, e seu celular travou de tantas notificações que recebeu.

Bela sentou-se em frente ao computador e ficou encarando o piscar do cursor, não iria tão longe ao ponto de dizer que estava passando por um bloqueio criativo, fazia apenas duas semanas que não conseguia algo que realmente fosse bom. Talvez estivesse com ressaca literária ou estivesse triste pelo aniversário de morte da mãe que se aproximava, mas depois de meia hora e só conseguir escrever adjetivos para o mocinho da sua história ela desistiu e resolveu se arrumar.

E assim quando deram sete horas e Mônica chegou ela já estava pronta, colocou um vestido preto simples que ia até um pouco acima do joelho e tinha um grande decote, deixou a sua massa de cabelos cacheados solta e tinha até mesmo copiado um dos tutoriais de maquiagem que sua amiga tinha ensinado em seu canal na internet.

— Como assim você já está pronta? Eu disse sete horas porque achei que precisaria te arrumar. Desse jeito iremos abrir o bar antes do dono.

Bela riu. Era impossível deixar Mônica totalmente satisfeita.

— Veja eu peguei seu último tutorial de maquiagem, está bom? – perguntou aproximando o rosto dela.

— Dá pra o gasto, porém é como eu sempre digo esfumar nunca é demais. – disse puxando um pincel da bolsa e dando os últimos retoques nela.

— Uma caipiroska de morango, por favor. – disse Bela se afastando da pista de dança e indo até o bar para se refrescar um pouco.

O barman olhou para ela e depois deu uma segunda olhada bem dada e abriu um sorriso.

— Agora mesmo senhorita – e deu uma piscada de olhos.

Isso fez Bela corar um pouco, não tinha saído de casa para paquerar hoje, além disso, devia estar horrível já que tinha dançado bem mais que as duas danças que prometera a Mônica e com certeza sua maquiagem já tinha ido embora faz tempo.

Ele voltou e lhe entregou a bebida apoiando os cotovelos no balcão.

— Não irei lhe perguntar se você vem sempre aqui já que estou todos os dias aqui e nunca a vi, então o que a trouxe aqui hoje?

— Vim a convite de uma amiga, mas bem eu a perdi.

Mônica como sempre muito atenciosa já tinha saído para algum recanto com um homem que conhecera na pista de dança e a deixou com alguns conhecidos que encontraram lá, esse era o jeito Monica de ser. Bela deu uma olhada no homem a sua frente, ele era bem musculoso, cabelo cortado estilo escovinha e todas as partes visíveis de seu corpo, com exceção do rosto, eram cobertas por tatuagens. Não era o estilo de homem que ela saía, não que ela saísse com muitos, mas talvez fosse bom experimentar coisas novas, pelo menos um personagem para um livro ela conseguiria extrair se tudo desse errado.

— Que dó dessa gatinha – disse ele pegando no queixo dela e balançando levemente – irei te fazer compai...

Ele não terminou a frase, Bela viu que ele arregalou os olhos olhando por cima do ombro dela, pegou um pano e começou a limpar o balcão.

— Coloque uma dose dupla de uísque pra mim. – disse uma voz grave atrás dela que a fez se arrepiar e baixar seus olhos para o copo.

—Agora mesmo senhor Strauss.

O barman rapidamente serviu a bebida e colocou em frente do dono

PERIGOSAS

da voz que havia se sentado a apenas um banco de distancia dela. Bela arriscou uma olhada para ele e seu corpo tremeu todo quando o viu. Um belo exemplar de homem estava ali, apesar de estar sentado ela conseguia perceber o quão alto era, estava em um terno todo preto bem cortado, provavelmente feito sob medida, contrastando com seus cabelos loiros que precisavam de um corte, porém não estragavam o conjunto da obra. O homem era simplesmente incrível, de perfil era possível ver como seu maxilar era quadrado e o nariz reto, parecia mais um guerreiro viking de um livro que havia lido certa vez.

Ele então levantou o olhar como se alguém o tivesse chamado e lentamente voltou-o para Bela. Quando seus olhos se encontraram a pele de Bela começou a queimar de tamanha intensidade daquelas duas safiras sobre ela. O homem a encarava descaradamente, sem nem mesmo piscar os olhos, envergonhada ela baixou a cabeça e começou a tomar sua bebida novamente. Contou cinco mississipis, olhou novamente e o homem continuava a encará-la.

— Perdão moça – disse ele fazendo-a se arrepiar – Eu não conheço de algum lugar?

Ela também teve a essa mesma impressão quando o viu, mas logo descartou a ideia, ela nunca se esqueceria daquele rosto, daquele corpo, nesse momento ela sentiu seu ventre se remexer.

“Cristo, faz realmente muito tempo desde a última vez” pensou ela. Ela então cruzou as pernas na tentativa de aquietar aquela situação interna.

— Creio que não. – respondeu ela rapidamente.

Ele continuou olhando para ela intrigado.

— Sinto que já vi você – disse ele.

Ele tinha um leve acento na voz que a fez deduzir que ele era de algum lugar do nordeste do país.

— São Paulo é uma cidade grande quem sabe já não nos cruzamos por aí.

Ele assentiu e deu outro gole em seu uísque sem desviar o olhar, seu corpo estava completamente voltado para ela agora.

— Como você se chama? – perguntou ele.

Bela franziu a testa e olhou para ele um pouco desconfiada. “*Ele realmente está puxando assunto comigo, meu Deus o que eu faço?*” pensou ela. Ele percebeu a hesitação dela e logo se corrigiu.

— Me perdoe, estou sendo inconveniente, é porque realmente pensei que a conhecia...

Ela deu um sorriso e falou:

— Me chamo Isabela Martini, mas, por favor, me chame de Bela. – e estendeu a mão para ele.

Ele retribuiu o aperto firmemente e disse:

— Gustavo Strauss, é um grande prazer.

O olhar que ele depositava em Bela era hipnotizante, seus olhos de safira pareciam refletir as luzes do ambiente dando a ele um ar quase celestial, fazendo a realmente lembrar das pinturas dos antigos deuses nórdicos, para quebrar o encontro ela falou:

— Strauss? É um sobrenome alemão não é mesmo?

— Sim – respondeu ele.

— Mas você tem sotaque nordestino.

— Oxente, sim – disse ele rindo um pouco.

— Mas está aqui em São Paulo.

— Muito perspicaz – disse ele entrando na onda dela.

Bela riu e tomou outro gole da caipiroska, adoraria um espelho para checar como estava, o banheiro era uma opção, porém ela tinha medo de ir até lá e quando chegasse ele tivesse sumido.

— Então Bela – começou ele colocando um sorriso maroto nos lábios – Você vem sempre aqui?

Ela teve que rir.

— Não, é a minha primeira vez. – respondeu.

— Espero que esteja gostando, peça o que quiser é por conta da casa.

— Quer dizer que além de tudo isso você ainda é o dono daqui?

Ele olhou para ela franzindo a testa e terminando seu uísque.

—Sou o dono daqui sim, mas o que quer dizer com “além de tudo”?

Bela se deu vários murros mentalmente, deveria aprender a controlar a sua boca.

— Nada – respondeu ela terminando tomar a sua bebida também.

Hoje era a porra do seu aniversário de vinte e cinco anos, estava um pouco bêbada e um alemão gostoso estava lhe cantando então ela resolveu chutar o balde. Para provocar ela pegou o morango que decorava o copo e o colocou na boca lentamente e mordeu, um pouco do suco da fruta escorreu por seus lábio e ela o capturou com a língua, quando olhou para Gustavo ele a comia com olhos.

— Já que hoje é por conta da casa – disse ela virando-se para o barman – Quero outra caipiroska e um uísque, por favor.

Ele preparou as bebidas rapidamente e entregou a ela com um olhar triste ele sabia que havia perdido, Bela pegou os dois copos, se levantou e dirigiu-se a uma das mesas mais afastadas, deu apenas uma olhada sobre o ombro, não foram necessárias palavras e ele rapidamente a acompanhou.

Não, ela não era nenhuma santa, em outra época da vida ela foi. Era exatamente a típica menina do interior e fazia tudo que o pai mandava inclusive se privar de namoros, mas agora era uma menina crescida numa cidade grande e um homem incrível estava bem sua frente e não perderia essa oportunidade.

Gustavo se sentou frente e ela lhe entregou a bebida, ele deu um gole sem desviar o olhar do dela.

— Então senhor Strauss, essa é a sua técnica? Sair por ai abortando mulheres dizendo que já as conhece?

— Acredite ou não – disse ele divertido – É a primeira vez que uso.

—E o que está achando?

— Preciso colher mais dados, para tirar uma conclusão, mas por hora tenho grandes expectativas de sucesso.

Ela riu alto tomou outro gole da bebida e começou a encará-lo. Gustavo realmente era um homem muito bonito, o tipo de homem que é unanimidade, é o tipo de homem de todas as mulheres.

—O que a trouxe aqui em plena quinta-feira? – perguntou ele forçando-a a sair de seu devaneio – Aqui é melhor no final de semana.

—Aposto que é, mas eu minha amiga temos um trato de sair pelo uma quinta feira do mês, é o dia ideal porque justamente não tem tanta gente, eu sou mais caseira. O engraçado é que nossa saída mensal coincidiu com meu aniversário.

—Parabéns – disse Gustavo – Quantos anos você está completando.

—Vinte quatro.

—Sério? Você parece bem mais jovem que isso. Você disse que veio com uma amiga onde está ela?

Como se as palavras dele fossem mágicas, Monica apareceu, estava acompanhada do homem que ela conhecera na pista de dança mais cedo naquela noite.

—Eu vou buscar o carro tá? – disse o homem dando um selinho nela e saindo e ela veio na direção dela gesticulando com as mãos e com a boca algumas coisas obscenas.

—Gustavo essa é Mônica minha melhor amiga, Mônica esse é o Gustavo.

— É um prazer conhecê-la – disse ele estendendo a mão que ela pegou.

— Pernambucano não é? Conheço esse sotaque - Ele confirmou - Você quer carona Bela? -

— Não precisa, eu me viro.

— Eu posso levá-la em casa se quiser Bela – disse Gustavo.

— Então ótimo, não faça nada que eu não faria Bela – e virando para Gustavo – E você bolo-de-rolo estou de olho. – E saiu correndo em direção a saída.

— Ela não está bêbada, é uma boa ideia deixá-la sair assim?

Bela riu um pouco mais alto, a bebida começava a fazer efeito.

— Ela não bebe álcool, nunca bebeu na verdade, além disso, ela é faixa preta em judô então tenho dó de quem mexer com ela. - Bela olhou para o relógio, já passava da meia noite – A carona ainda está de pé? Já passou do meu horário de estar na cama.

Eles foram em direção da saída, Bela queria pagar a conta, mas Gustavo não deixou de jeito nenhum.

—Eu disse que era por conta da casa.

—Tá, mas eu queria pagar o consumi antes de te encontrar – argumentou ela.

Mas ele fez apenas negou com a cabeça e pediu que trouxessem seu carro, Bela não entendia nada de carros, ela nem ao menos dirigia, mas assim que viu o carro de Gustavo soube imediatamente que ele era muito bem de vida, e isso a deixou um pouco desconfortável.

O carro dele era grande e marcava presença, assim como o dono e ele teve que ajudá-la a subir para entrar no veículo, pois ele era bem alto, ela digitou o endereço no GPS, e ele seguiu por o caminho que o aparelho indicava.

2

Gustavo

—Você mora com alguém? – perguntou Gustavo para Bela e ela respondeu que não.

Pararam em um semáforo e ele aproveitou para encarar a mulher sentada no banco ao seu lado, ela era perfeita, linda demais. Seu olhar convergiu especialmente para a boca dela, ainda existiam uns poucos vestígios de batom, porém, ele pode notar, que a boca dela era naturalmente vermelha e tão carnuda que ele morria de vontade de mordê-la.

O som de acordes de um violão preencheu o interior do carro, Tesoura do Desejo começou a tocar no rádio, essa era uma das músicas favoritas de Gustavo. Os lábios de Bela se repuxaram em um sorriso ele começou a cantar junto de Alceu Valença e Elba Ramalho;

“De onde ela saiu?” pensou Gustavo.

Quando se deu conta puxou-a para si e a beijou com urgência, necessitava dela, estava sedento. Ela retribuiu o beijo, mas ele era quem levava o beijo ao seu ritmo, dominando-a.

Uma buzina então interrompeu o beijo, o sinal estava verde de novo.

—Droga! – xingou Gustavo colocando o carro em movimento fazendo Bela gargalhar.

Ela voltou a recostar o a cabeça no encosto do assento, fechou os olhos e voltou a cantarolar a música, quando estavam passando por uma rua menos movimentada ele estacionou no meio fio e Bela abriu os olhos.

—Já chegamos? – perguntou ela

—Não, Bela me escute. Eu quero fazer isso do jeito certo, não quero dormir com você hoje, não assim quero fazer do jeito certo.

—E quem disse que eu ia lhe convidar para dormir comigo hoje?

Gustavo ficou olhando pra ela com a boca aberta sem saber o que dizer, ela então deu outra uma sonora gargalhada e puxou ele para um beijo.

—Você não sente desejo por mim, é isso? – perguntou ela.

—Não! – exclamou ele – É justamente o contrário, eu a quero muito você e vejo que você é uma garota especial e estou disposto esperar até o segundo ou terceiro encontro, ou seja, lá o que a regra manda para dormir com você

—Você é muito intenso Gustavo – ela beijou ele novamente, mas dessa vez a mão de Bela viajou para a pulsante ereção dele – Mas eu não ligo muito para essas convenções, eu quero muito passar uma noite contigo se você também quiser depois pensamos no que vamos fazer.

Bela voltou para seu lugar, ele assentiu ligando o carro e seguindo as instruções que o GPS lhe dava.

Assim que ele estacionou em frente da casa de Bela, eles saíram rapidamente do carro, o desejo os consumia. Ele esperava que morasse em um apartamento, já que ela havia lhe dito que morava sozinha, mas ela vivia em uma boa casa, Gustavo não perguntou em que ela trabalhava, porém deveria ser algo que rendesse um bom dinheiro.

No momento em que eles entraram, ela ligou as luzes, tirou os sapatos e jogou-os de lado, Gustavo pode perceber que ela menor do que ele pensava, porém isso não diminuía em nada sua beleza, ao contrário, fazia-a mais delicada. Bela foi até a geladeira e se serviu com um copo grande de água, foi até o balcão que dividia a cozinha americana da sala e sentou-se, levou o copo até os lábios e tomou um gole.

— Sede? – perguntou ela levantando as sobrancelhas.

“*Cristo*” pensou ele. Será que ela tinha noção do quão sexy podia ser para ele?

Gustavo praticamente correu para ela, pegou o copo em sua mão e deu um grande gole de água. Bela enroscou as pernas no quadril dele e o puxou para um beijo. Ela com certeza não era uma submissa, era uma mulher de atitude e ele estava apreciando muito isso, na verdade ele estava apreciando tudo que envolvia Isabela. Ele enfiou as mãos no cabelo dela aprofundando ainda mais o beijo. Ela se pendurou em seu pescoço e disse.

—Meu quarto é no final do corredor.

Ele a levantou sem deixar de beijá-la e foram até o quarto, jogou-a em

cima da cama virou de bruços e baixou o zíper do vestido, dando pequenos beijos nas costas dela durante o processo.

Ela mesma terminou de tirar o vestido jogando-o no chão, e sem a mínima vergonha virou-se para ele e nesse momento o coração e a ereção de Gustavo deram um salto. Vestida apenas com calcinha e com que os seios amostra, seios incríveis, e o que chamou atenção dele foi uma pequena tatuagem que ela trazia entre os seios, uma pequena e solitária rosa amarela que puxou o seu olhar para outro desenho, este bem maior, em suas costelas, era uma inscrição que ele não conseguia ler direito a meia luz, a cada segundo ela o surpreendia mais.

—O que foi? – perguntou ela

— Estava apenas observando suas tatuagens, são lindas.

— Você tem alguma? – perguntou ela novamente.

—Não.

Ela revirou os olhos e foi engatinhando até ele e o puxou para a cama pela gravata.

— Você parece ser aquele tipo de alemão certinho.

—Eu não sou alemão, sou brasileiro.

Ela revirou os olhos novamente e riu.

— Certinho e sem senso de humor. – e o puxou para um beijo.

Gustavo ainda estava completamente vestido contrastando com o corpo nu que estava sob o seu, ele tentava tirar as roupas, mas não queria abandonar a boca de Bela ele finalmente tinha encontrado o paraíso e não queria ter que renunciar, porém ela fez isso por ele.

De algum modo ela conseguiu jogá-lo do outro lado da cama e montou sobre ele, bem encima do volume que se precipitava de sua calça o fazendo arfar, ela com certeza deve ter reparado que ele estava um pouco surpreso com a inversão e disse:

– Sabe Mônica me ensinou alguns golpes de judô – disse ela enquanto desatava o nó da gravata.

Ela tirou a camisa dela, se atrapalhando um pouco com as abotoaduras, desafivelou o cinto e tirou as calças dele já junto com a cueca deixando-o completamente nu. Gustavo então a virou e ficou sobre ela novamente, ela ia protestar, mas quando a boca dele fez contato ela calou-se totalmente.

Seu membro estava tão rígido que chegava a doer, a urgência o dominava e tudo que ele queria era estar dentro dela. Suas mãos foram para os seios de Bela, eram perfeitos, mas logo ele buscou o sexo dela que estava completamente encharcado e seu tesão subiu ainda mais, precisava possuí-la agora. Com os dedos ele começou a circular o clitóris dela, Bela estava muito excitada e ele tinha que provar dessa excitação por ele mesmo, queria o doce mel dela em sua boca. Ele então começou a trabalhar com a língua no clitóris e os dedos ele foi aos introduzindo nela, ela era muito apertada e tinha que prepará-la para o viria a seguir. Bela agora gemia tão alto que ele agradeceu mentalmente por ela não morar em um prédio, se fosse assim, a essa altura o síndico já teria ido lhe interromper.

Quando sentiu que ela estava prestes a gozar ele afastou-se dela e ela protestou.

—Nosso primeiro orgasmo vai ser junto Bela, é assim que ter de ser - Ela assentiu concordando com ele - Por Cristo Bela, diga que você tem algum preservativo aqui.

Não tinha saído de casa hoje atrás de nenhuma mulher, era apenas mais um dia de trabalho que havia se estendido até a noite como frequentemente acontecia, Bela fora um desvio no caminho, uma adorável surpresa.

Ela riu e esticou-se para abrir a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou um pacote aberto onde tinha vários preservativos, estranhamente aquilo causou ciúmes em Gustavo.

—Você costuma trazer muitos homens aqui? – perguntou ele.

Ela revirou os olhos e respondeu:

—Girls Just want to have fun – disse ela citando a famosa música de Cyndi Lauper, tirando uma camisinha e entregando a Gustavo.

Ele empurrou esse sentimento para o fundo e se concentrou na mulher embaixo dele, abriu a embalagem com os dentes e deslizou-o em seu membro.

Se posicionando na entrada dela, Gustavo olhou para os olhos de Bela que estavam fechados.

—Olhe pra mim – mandou ele – Quero que esteja me vendo quando eu entrar em você.

Ele se posicionou na entrada dela e Bela enlaçou nos quadris de Gustavo trazendo-o para si, e quando finalmente ele entrou nela pode perceber a quão apertada e quente ela era e teve que segurar para não gozar imediatamente. Assim que ele a preencheu totalmente ela soltou um gemido, quase uma suplica.

—Por favor, Gustavo – disse Bela com a voz embargada – Eu estou muito perto.

—Eu quero fazer isso durar – disse ele saindo e entrando bem devagar dela.

—Cristo! Gustavo nós temos a noite toda, por favor, eu preciso disso. Ele também precisava.

Depois das palavras de Bela ele não conseguiu mais se conter e começou a imprimir um cada vez mais rápido.

Um milhão de sensações tomava conta de seu corpo, muitas delas ele nunca sentira antes, a experiência como um todo estava sendo incrível. Gustavo percebeu que Bela estava muito próxima de alcançar o clímax e começou a acelerar ainda mais movimentos;

—Venha Bela, goze para mim agora!

E ela o fez. Gustavo a sentiu estremecer embaixo dele enquanto atingia o êxtase, ele foi logo depois dela chegando ao orgasmo e caindo sem forças em cima dela.

Gustavo então descartou a camisinha, deitou-se ao lado dela e ficou escutando sua pesada respiração até que ela se acalmasse.

—Acho que estou fora de forma. – disse ela rindo.

—Você foi ótima, realmente incrível – garantiu ele.

—Você fez todo o trabalho – disse Bela subindo em cima dele roçando a bunda nele fazendo sua ereção acordar totalmente – Você é rápido hein?

—Sempre pronto para o combate.

Ela pegou um preservativo na mesinha de cabeceira e entregou a ele pedindo que ele colocasse.

—Minha vez de tirar o seu fôlego Senhor Strauss.

Mais tarde naquela noite quando finalmente seus corpos se esgotaram, Gustavo puxou-a para si deitando-a em seu ombro, ele a abraçou e inspirou forte nos cabelos dela que cheiravam a um misto de xampu, suor e o próprio cheiro dele que havia passado para ela.

— Dormiu? – perguntou ele.

—Quase – respondeu com a voz embargada. Ela traçava pequenos círculos com os dedos no peito dele.

Até que os seus dedos alcançaram uma protuberância um pouco acima do mamilo dele e levantou a cabeça para ver o que era.

— Como consegui essa cicatriz?

— É uma marca de nascença na verdade.

Era um traço horizontal de mais ou menos cinco centímetros pouco acima do mamilo, enquanto Bela tocava ele se arrepiou todo, não de uma forma erótica, foram calafrios. Para disfarçar ele pegou a mão dela e levou até a boca depositando um pequeno beijo.

— Boa noite

Ela se aconchegou mais no peito dele e riu.

— Acho que está mais para um bom dia.

Ele não disse nada começou a fazer um delicioso cafuné na cabeça de Bela que a fez dormir, mas não para um sono tranquilo.

Nota da autora:

Olá, se você leu até aqui muito obrigado!

Eu amei escrever essa história e a continuação dela irá sair muito em breve e está maravilhosa, aguardem!

É muito importante pra mim, receber uma avaliação aqui na Amazon e saber o que você achou, se você tiver um perfil no Skoob marca o livro lá também, pois assim ele chegará a outras pessoas.

Se quiser falar comigo (eu amo receber mensagens dos meus leitores, faz o meu dia ficar maravilhoso <3) me segue lá no instagram @joicemascena ou me manda uma e-mail joicedinizdiniz@gmail.com.

Conheça minhas outras obras:

Conquistada por um Highlander

Victória Green ainda sofria pela perda de seu irmão quando recebeu a notícia de que se casaria com Sebastian, um libertino viciado em jogos de azar ao qual ela odiava, suas orações para livrar-se desse casamento foram atendidas, porém ela não esperava que justamente o assassino de seu irmão fosse o seu libertador ou no caso seu raptor. Archie McGregor, líder do clã McGregor das terras altas Escocesas, está sendo acusado de um crime que não cometeu, seu irmão está sendo mantido cativo na Inglaterra para fazê-lo se entregar, mas ele quer provar sua inocência de qualquer maneira. Para ganhar tempo ou servir de moeda de troca ele seqüestra Victória Green, ele só não contava que sua cativa e seu coração fossem mais complicados de domar

do que provar a sua própria inocência, pois assim que colocou os olhos nela soube dentro de seu coração, que nunca poderia deixá-la partir.

Em meio à sequestros, fugas e traições ambos vêm um inexplicável e intenso amor surgir entre eles. Mas será só o amor capaz de quebrar as barreiras que os impedem de viver essa paixão? Será ela capaz de deixar de lado seu desejo de vingança, e ele capaz de esquecer seus fantasmas do passado para terem um futuro juntos?

Road

Bianca Benedetti é uma jovem italiana, que apesar de ter apenas 21 anos, já sofreu muito com algumas reviravoltas da vida e que depois da morte de seu pai resolve cair na estrada. Viciada em livros e filmes ela começa a rodar o mundo atrás dos cenários dos seus favoritos, desde Londres por amar Harry Potter até mesmo a Nova Zelândia para ver as locações de O Senhor dos Anéis. Desta vez ela está nos Estados Unidos e pretende cruzar o país em uma “Road Trip” seguindo pela histórica Rota 66 até chegar à Califórnia. Ela só não contava que iria se encontrar com Adam, um ex SEAL da marinha americana e que eles teriam que dividir um quarto de motel sem nem ao menos se conhecerem. Adam Hudson é um homem que teve seu coração quebrado da pior forma possível, ele vai embora da sua cidade para tentar fugir de seus problemas, mas no meio do caminho acabar encontrando uma peculiar gringa, a atração entre os dois é imediata, a história deles tem muitos pontos em comum o que faz os dois se aproximarem e para continuar a viagem juntos.

Ao longo da “Mother Road” os dois vão passando por todos os pontos históricos e aos poucos se apaixonando, mas duas pessoas com passados tão marcados poderão ter um futuro juntos?

